

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CORACY R.S.SCHUELER DE OLIVEIRA

DE GRIOTTE À PROFESSORA

De contadora de história à constituição como Professora.

**Aracaju SE
2018.1**

CORACY R.S.SCHUELER DE OLIVEIRA

**DE GRIOTTE À PROFESSORA:
De contadora de história à constituição como Professora**

**Monografia Apresentada à Sociedade de
Ensino Superior Amadeus como requisito
para receber o Grau de Licenciatura
Plena em Pedagogia**

**Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Auxiliadora
Santos**

**Aracaju SE
2018.1**

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA**

CORACY R. S. SCHUELER DE OLIVEIRA

DE GRIOTTE À PROFESSORA

De contadora de história à constituição como Professora.

**Monografia Apresentada Como Requisito Para Receber O Grau De Licenciatura
Plena Em Pedagogia**

Coordenador do Curso de Pedagogia: Especialista Williams dos Santos

Professora Orientadora Dra. Maria Auxiliadora Santos

1º Avaliador (a)

2º Avaliador (a)

Aprovado em Aracaju /SE _____ em Junho de 2018

Nota _____ (_____)

Por Jesus para Jesus,

**Dedico este trabalho a Valter Schueler,
Gabriel Schueler e Rafael Schueler,
instrumentos de Deus para que eu
existisse enquanto Griotte.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I METODOLOGIA	11
CAPÍTULO II HISTÓRICO DA PESQUISA NARRATIVA	15
CAPÍTULO III HISTÓRIA DA FAMÍLIA.	18
CAPÍTULO IV HISTÓRIAS EM SALVADOR - BA	23
CAPÍTULO V HISTÓRIAS EM SÃO FÉLIX DO PARAGUASSÚ	31
CAPÍTULO VI HISTÓRIAS EM CATÚ - BA 1968 a 1979	34
CAPÍTULO VII HISTÓRIAS DE DEUS	38
CAPÍTULO VIII HISTÓRIAS EM FORTALEZA	41
CAPÍTULO IX HISTÓRIAS EM ARACAJU 1980	44
CAPÍTULO X HISTÓRIAS EM SÃO PAULO	46
CAPÍTULO XI HISTÓRIAS DO RETORNO A ARACAJU	47
CAPÍTULO XII HISTÓRIAS DA ARTE EM FAMÍLIA	54
CAPÍTULO XIII HISTÓRIAS NO COLÉGIO AMADEUS	60
CAPÍTULO XIV HISTÓRIAS NA ESCOLA BABYLÂNDIA	63
CAPÍTULOS XV EXPERIENCIANDO A HISTÓRIA	70
CAPÍTULOS XVI CONCLUSÃO	84
ANEXOS I SALVADOR ANTIGO MEMÓRIAS DE D.DELZA	86
ANEXO II FILME: “O SOL SOBRE A LAMA”	88
ANEXO III BIOGRAFIA DE MARTINHO DA VILA	93
ANEXO IV O MACACO E A VELHA	99
ANEXO V COMO DIZIA MINHA AVÓ	102
REFERÊNCIAS	105

RESUMO

A monografia “De Griotte à professora: de contadora de história à constituição como professora” pesquisa qualitativa, autobiográfica é fundamentada no livro “Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa” de D. Jean Clandinin e Michael Connelly e no trabalho de Rui Tinoco em “História de vida um método qualitativo de investigação”. Os textos de campo são histórias da minha memória, a escuta da memória da minha mãe, trazendo do passado vivências da infância e interpretando-as com o meu olhar adulto, preservando nos relatos da minha mãe a fidelidade da escuta da criança, e o respeito à memória com desgaste naturalmente aos oitenta e quatro anos. Os capítulos seguem em ordem cronológica. As histórias se movem no passado e no presente, dentro do espaço, meus mapas e trilhas, cenários onde garimpei preciosos encantamentos, parafraseando Rubem Alves, chamo-os cacos, que ao acaso ficam sem sentido, mas a arte lhes dá sentido estético como nos mosaicos, e uma função social. Esta é a minha esperança e expectativa a cada capítulo. A esperança de novas histórias na voz de professores contadores, protagonistas de contos transformadores, em nossas salas de aula, no contexto familiar, nas relações pessoais e sociais como incansáveis formiguinhas enfrentando gigantescos invernos.

Palavra -chave: Contador de História. Griotte. Autobiografia.

RÉSUMÉ

La monographie « De Griotte à enseignant: de conteuse à la constitution en tant que éducatrice » est une recherche qualitative et autobiographique. Elle est basé sul le livre « La recherche narrative: expériences et histoires dans la recherche qualitative », de Jean Clandinin et Michael Connelly et sur travaille de Rui Tinoco dans "L'histoire de la vie une méthode qualitative d'investigation". Les textes sont des recueils de ma mémoire, en écoutant les récits et souvenirs racontés par ma mère. Ils portent des expériences d'enfance interprétées par mon regard d'adulte, en préservant, tout à fait, les récits maternels avec la fidélité d'une écoute d'enfant, avec tout le respect dû à une mémoire déjà naturellement fragile à l'âge de quatre-vingt-quatre ans. Les chapitres suivent l'ordre chronologique. Les histoires se déplacent dans le passé et le présent, dans l'espace, ce sont des cartes et des repères, décors ou j'ai trouvé trésors précieux et enchantés. En paraphrasant Rubem Alves, je les appelle tessons, des débris insensés dont l'art donne le sens esthétique des mosaïques et aussi, une fonction sociale. Mon espoir est que chaque chapitre puisse créer de l'ésperance de nouvelles histoires dans la voix des conteurs-enseignants, qu'ils soient protagonistes des contes transformateurs dans nos salles de classe, dans le contexte familial, dans les relations personnelles et sociales, infatigables comme des petits fourmis face à des hivers gigantesques.

Mot clé.: Compteur d'histoire,. Griotte. Autobiographie.

(Tradução Ana Eloísa Ribeiro Santana - minha irmã mais nova)

INTRODUÇÃO

Quisera na vida as coisas acontecessem como a organização de uma faculdade, é definida a carga horária da disciplina em determinado local, os intervalos, a interação entre professores e alunos pelo interesse em determinado assunto específico da profissão e cada ação acontece no seu tempo, quando nos damos conta, estamos no TCC, trabalho de conclusão de curso. A vida no entanto é como a educação infantil, você planeja e na execução, sua nobre tarefa pedagógica pode ser interrompida por uma não tão nobre mordida no coleguinha, e lá se foi o tempo da atividade, mas acontecem outras aprendizagens e como numa colcha de retalhos vamos costurando uma arte linda, como um mosaico de cerâmica no muro, um vitral translúcido que nos encanta na arquitetura de uma igreja antiga.

Quando o projeto de pesquisa chegou, eu estava lendo Rubem Alves o “Aprendiz de mim” um livro encantador, sobre uma experiência educacional de um bairro que virou escola. No capítulo “Os Mosaicos” Rubem Alves fala poeticamente sobre os cacos de vidro, de cerâmica, que são apenas cacos, até que a arte dentro de alguém, os vê arte e usando sua sensibilidade faz sua obra. “A alma é um vitral, é um mosaico. Cacos de vidro, cacos de cerâmica, cada um deles nada mais é que um caco que não diz nada, não serve para nada, sem sentido, sem beleza, entulho, lixo. Mas o artista olha para o caco e não vê o caco. Vê uma outra coisa. Vê a tonalidade bela à qual ele pertence...Em tudo há de se descobrir o sentido, o sonho. Quem só vê cacos e peças não vê nada.” A poesia de Rubén me deu esperança de que os fragmentos da minha memória, junto à memória de minha mãe, Delza Ribeiro Santana hoje uma senhora idosa, com sua memória frágil, apresentando esperáveis falhas da idade, possam neste trabalho de Pesquisa Narrativa, ganhar um sentido terno, poético, belo aos olhos do que lê.

A escolha do título **DE GRIOTTE À PROFESSORA - De contadora de história à constituição como Professora**, contou com a contribuição de um aluno, o Vicente, que tendo assistido uma animação sobre uma griotte africana, comentou com a mãe ao sair do cinema: “Mamãe tia Cora é uma griô” descobri posteriormente que havia a versão feminina da palavra. Fiquei tão honrada embora não me senti merecedora de ser chamada griô. Recentemente, Sunday Ikechukwu Nkeechi, “Sunny”, como gosta de ser chamado, um griô africano, hoje morando no Brasil,

residindo em São Paulo, ministrou uma oficina no VIII Encontro de Contadores de Histórias em Aracaju, me inscrevi em sua oficina para entender do ponto de vista de um Africano nativo o que realmente significava o termo “Griô”. Ficamos amigos e depois de sua partida para São Paulo eu lhe perguntei por mensagem no celular se ele poderia dizer o significado de Griô. Depois de ouvi-lo, percebo este ofício, o contar histórias como um dom que recebi de Deus, confirmado pelo menino Vicente e pelo amigo irmão africano Sunny.

A Pesquisa Narrativa – Experiência e História de vida é uma proposta de pesquisa Qualitativa, experiencial, relacional que atende às ciências sociais, podendo ser encarada ora de forma complementar, ora se opondo à pesquisa dominante. Este trabalho aponta a pesquisa qualitativa como possibilidade, pela natureza de pesquisa, trazendo a história de vida, a narrativa autobiográfica como caminho que implica em busca, construção, desafios, interpretação, perplexidade, certos desconfortos, negociações como os pesquisados.

A proposta aqui é pesquisar o que pode auxiliar o contador de histórias, ao professor aprendiz, convivendo ofício de contadora de histórias com a vivência como professora leiga há 16 anos, hoje pedagoga em formação, buscando trazer rigor científico à minha prática, caracterizada pela experiência. Nesta construção autobiográfica, teço-me, como disse Rubem Alves “Aprendiz de mim”.

No presente trabalho exponho experiências vivenciadas ou observadas em minha história pessoal e educacional que se funde à história de minha família, privilegio aqui as memórias da minha mãe a minha maior professora, as vivências e ensinamentos que ela trouxe de sua avó repassadas para mim, apontam para a Educação como o fenômeno, que não se deixa aprisionar em muros, paredes, espaços institucionais legalmente estruturados para o exercício do educar, não! A educação transcende tudo isso e vai morar no sertão, na solidão, na dor, nas poesias de Patativa do Assaré, vai morar nas canções de Luiz Gonzaga, nos cordéis, nos cantos populares, nas brincadeiras de roda, nas artes da cerâmica de Santana do São Francisco, nos mercados, nas feiras, e dentro de nós.

As histórias dos caminhos que me levaram a ser contadora de histórias além minha família passam também por outras tantas contribuições, pontuo aqui a busca em reproduzir a arte admirável que vi pela primeira vez na igreja evangélica que participava enquanto criança. Alguém me contou a história das duas casas “A casa que foi construída na areia e a casa que foi construída na rocha”, a missionária

Miriam, contou a história, mostrou o desenho que a ilustrou, numa figura que me pareceu feita por ela mesma numa cartolina e cantou uma canção cheia de gestos e onomatopeias que encantaram irremediavelmente em meu coração de criança. A missionária Mirian da igreja Batista marcou tanto minha vida que hoje faço o que ela fez com mais recursos e espero com o mesmo encantamento.

Mais tarde selecionando a programação infantil para meu filho pequeno, encontro pérolas de artistas contadores de histórias na TV Cultura, Bia Bedran, Castelo Ra-Tim Bum, os Clipes do Palavra Cantada. O programa de TV Baú das histórias entre outros encontros com pessoas que conheci no meu caminhar, no teatro, no palco, inúmeras manifestações artísticas que atraíam a minha atenção. Pretendo contar a história que sutilmente revela-se na minha prática como contadora de histórias e como a Pedagogia, tantas vezes começada e tantas vezes abandonada, agora se abre para mim como um portal para que a experiência no ofício de contadora de histórias, lhe seja útil, linguagem, riqueza, ludicidade, encantamento.

Numa jornada de volta ao início, a infância, partilho aqui minha história de vida entrelaçada com as histórias de outros, o outro é único, cada encontro, é outra história que começa. Em ordem cronológica, cito os espaços em que as histórias aconteceram. As preciosas lembranças de minha mãe, Dona Delza Ribeiro Santana, hoje aos oitenta e três anos tem sido garimpada como preciosidade. Experimentando vida nômade, desde a morte de sua avó, morando em muitas casas, a dura vida de uma criança pobre, de origem negra, vendo-se só sem sua referência de mundo que até então fora sua avó materna, minha Bisavó Ernestina, que me parecia viver a citar ditados populares, parlendas e cantigas, nortearam e influenciaram fortemente a visão de mundo de minha mãe ao longo da vida, suas decisões, suas relações com os outros e principalmente em nossa criação.

Refletindo, para contar essa história, reconheço as inúmeras contribuições de teóricos da Educação formal, dos meus amigos professores, colegas e companheiros de sonhos da Secretaria de Educação do Município de Aracaju que tem sido experiência mais que enriquecedora e também dos professores da infância, da Igreja, da UFS, da Pio Décimo, por onde passei e especialmente da Faculdade Amadeus na qual me encontro hoje, concluindo o curso de Pedagogia.

CAPÍTULO I METODOLOGIA

Definimos para fundamentação teórica o livro “Pesquisa Narrativa – Experiência e história em pesquisa Qualitativa” de D. Jean Clandinin e F Michael Connelly (1993). Abordagem metodologia, em pesquisa narrativa, descreve a prática dos autores no caminhar organizando e sistematizando, procurando cooperar para o fazer da pesquisa narrativa.

A Pesquisa Narrativa método científico praticamente novo em relação aos métodos de pesquisas científicas tradicionais, positivistas, naturalistas dominantes no meio científico. A chamada Pesquisa Qualitativa com abordagem narrativa de histórias de vida, é defensável cientificamente, aponta para pessoas, e para as questões sociais. Possuindo linguagem própria, termos próprios, arcabouço científico e muito a ser explorado pelos pesquisadores. (op. cit.)

Os autores emprestam como professores, pesquisadores vivendo a história, o fazer experienciado por eles em primeira pessoa, a fim de exemplificar a prática. “Por todo livro... a intenção de tentar prover uma resposta para a pergunta, o que fazem os pesquisadores narrativos?” (CLANDININ & CONNELLY p. 84).

Os autores demonstraram que é possível se envolver num trabalho científico, diferente do distanciamento próprio das pesquisas tradicionais, eles participaram das histórias pessoais como professores, orientadores de inúmeros doutorandos, com trabalhos de campo de pesquisadores em formação, misturam-se às pessoas de diferentes culturas, diferentes níveis sociais e profissionais, e descrevem como essas experiências contribuíram para a construção do percurso na aprendizagem da pesquisa narrativa. Destaco a auto descrição dos autores ao perceberem-se ansiosos por novos caminhos na pesquisa em Educação:

Educadores estão interessados em vidas. Vida, pegando emprestada a metáfora de John Dewey, é Educação. Educadores estão interessados na aprendizagem e no ensino e como esse processo ocorre; Eles estão interessados em saber lidar com as vidas diferentes, os valores diferentes, as atitudes diferentes, as crenças, os sistemas sociais, as instituições, e estruturas e como eles estão todos unidos para aprender e ensinar. Pesquisadores da área de Educação são, primeiro, educadores e estamos também interessados nas pessoas. Esses pesquisadores, com seus interesses voltados para as pessoas, não são diferentes nesse sentido daqueles que desenvolvem pesquisa na área das ciências sociais. Essas são as

ciências das pessoas. A vida das pessoas como elas são compostas e vividas é o que nos interessava observar; participar; pensar sobre; dizer e escrever sobre o fazer e o ir e vir de nossos colegas, seres humanos.” (CLANDININ & CONNELLY, 2011 p. 22)

A obra sobre a Pesquisa Narrativa também examina diferenças, pontos vantajosos entre a Pesquisa Narrativa e pontos vantajosos na chamada pelos autores Pesquisa Narrativa Dominante, mostram a tensão quando as duas abordagens de pesquisa se encontram, O meu pensamento positivista que eu não sabia que guardara, me fez experimentar a tensão descrita à medida que fui sendo apresentada à pesquisa qualitativa. Os autores identificam as fronteiras e exploram o lugar da teoria e a natureza do papel das pessoas em cada fronteira. Introduziram o espaço tridimensional dando forma e estrutura à Pesquisa Narrativa como um processo dinâmico de viver, contar histórias, reviver e recontar.

Os pesquisadores negociam continuamente seus relacionamentos. Os relacionamentos precisam ser trabalhados (p. 110) impõe durante processo a necessidade de constante negociação, enfrentar desafios relacionais, pois está tratando com informações que envolvem pessoas, na pesquisa narrativa a produção dos textos de campo, para se verificar a veracidade de lembranças da infância, por exemplo, se faz necessário a confirmação, a contribuição de familiares e contemporâneos dos participantes.

“Bons relacionamentos de pesquisa trazem consigo um sentimento melancólico, saudoso, advindo da constante lembrança do tempo de duração desta.” (CLANDININ & CONNELLY p. 109). O pesquisador narrativo usa recursos como a gravação de suas histórias, mas este não é sempre o seu único recurso, ele percebe histórias potenciais, registra ações e fazeres e tudo aquilo que percebe como expressões narrativas. A minha escolha pela Pesquisa Narrativa é basicamente por ser esta, a estrutura de pesquisa que com os textos de campo, e posteriormente com a produção do texto de pesquisa, procura dar sentido à experiência.

A escolha da Pesquisa Qualitativa, narrativa e autobiográfica na primeira pessoa.

Quando minha orientadora do TCC, Professora Maria Auxiliadora carinhosamente chamada de “Dora”, fez a pergunta: “o que você quer escrever ou pesquisar?”, eu tinha em mente me aprofundar no entendimento do que é a narração

oral, sendo este o meu trabalho, tradicionalmente chamado de “Contadora de Histórias”, que exerço há aproximadamente sete anos, porém sem um estudo mais aprofundado. Via como oportunidade de aquisição de fundamentação teórica, desenvolvimento, continuidade e aprofundamento neste interesse.

Depois de algumas conversas a professora me apresentou a pesquisa qualitativa, em histórias de vida. O pouco de metodologia científica que vira no curso inacabado de Geografia em 1982 era naturalista, quantitativa e cheia de fórmulas. Depois em Pedagogia 2003, na UFS a pesquisa qualitativa foi apenas citada, nossos trabalhos, de estudo de campo eram absolutamente quantitativos e positivistas.

Surpresa, por existir essa possibilidade de pesquisa, a professora continuou me surpreendendo quando sugeriu, “Porque você não faz uma pesquisa autobiográfica?”. Eu resisti, estaria me expondo, meu pensamento positivista estava guardado em algum lugar na minha memória, em uma pesquisa positivista a opinião pessoal não é considerada relevante. Partilhei minha incerteza e insegurança com minha orientadora que me direcionou o pensamento para a percepção do outro, o trabalho de pesquisa é para além de si mesmo, ainda que a pesquisa seja sobre si. Ela me deixou segura e certamente tem orientado meu trabalho dentro do equilíbrio e rigor científico que um trabalho desta natureza requer.

Conheci a minha orientadora quando participei da Olimpíada Ambiental do SEMAM em 2004, na qual ganhei o primeiro lugar com a música “Uma gotinha”, a Professora Maria Auxiliadora mestre em Educação Ambiental na Faculdade Amadeus onde estudava assinou meu trabalho, mesmo não sendo minha professora nem me conhecendo, ela me surpreendeu. Nossos caminhos se cruzam outra vez, hoje como minha orientadora neste trabalho. A professora Dora outra vez me surpreendeu, quando disse: “Vamos pesquisar juntas, pois acho que você deve fazer uma Pesquisa Narrativa autobiográfica, uma histórias de vida, eu sou da área de ciências naturais, sou Bióloga, com forte influência positivista em pesquisa quantitativa, não estou afeita a esse tipo de pesquisa” ainda assim, se aventurou junto comigo e também por ela tenho tentado superar minhas grandes limitações em produzir este trabalho. Tivemos algumas conversas e a professora Maria Auxiliadora vem pesquisando junto comigo como seria a estrutura de tal pesquisa, como se organiza, os termos próprios da pesquisa e a necessidade de ratificar o rigor científico.

Fascinante! esta é a palavra, ver como ela orientou nossas descobertas até que ela encontrou o livro: “Pesquisa Narrativa - Experiência e História em Pesquisa Qualitativa” D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly, que fundamentaria o trabalho por exemplificar o fazer do pesquisador narrador. A propósito ela me presenteou com seu entusiasmo, orientação e esse livro. Registro aqui minha gratidão.

O termo “Contar a história”, me deixa muito a vontade, o que pretendo é usar as histórias que trago em minha memória como textos de campo, selecionando a relevância, investigando e interpretando as vivências que influenciam meu olhar, as escolhas de temas na produção das histórias, a escolha dessa arte como expressão e ofício. Cada capítulo é uma fase na minha linha do tempo, desde a infância até a fase adulta, onde simultaneamente teço este trabalho de conclusão de curso que é mais uma história a ser contada, desta vez com a técnica de construção de textos da minha memória, que se entrelaça com as memórias da minha mãe, uma narradora de sua própria história, que sempre me fascinou, uma analogia de sua costura, a tessitura das cores das linhas que via enquanto criança, dos tons e cores do mágico e do trágico, quando o pesquisador usa o viés que alinhava as histórias, é uma ação comum aos costureiros, um vocabulário familiar para mim como filha de costureira, aqui pesquisadora e objeto da própria pesquisa.

CAPÍTULO II HISTÓRICO DA PESQUISA NARRATIVA

A História da pesquisa narrativa em histórias de vida sua relevância enquanto pesquisa qualitativa.

Exponho aqui um estudo baseado no artigo de Rui Tinoco (2004), que tem como objetivo, de forma sucinta contar a história da investigação biográfica, sua gênese enquanto método científico, praticamente uma defesa deste, como método eficaz para pesquisa qualitativa em abordagens sociais.

O artigo de Rui Tinoco (Op. cit.) mostra a gênese da autobiografia como interesse jornalístico. Depois o interesse voltado à literatura que trata de detalhes biográficos de homens célebres, figuras ilustres como Napoleão, ou conquistadores célebres da antiguidade. O autor não se aprofunda na compreensão desse interesse, mas afirma que a transmissão de sociedades coletivas para as sociedades individualistas que fundam os princípios nucleares do seu funcionamento no indivíduo exerce inegável importância no interesse do que é diverso, diferente e moralmente superior. Afirma também que esse interesse no diverso e diferente extravasa para o interesse em culturas estranhas. Tinoco cita Berlaux (1989), que por sua vez situa o século XIX um interesse especial pelas histórias de vida de indivíduos pertencentes à culturas exóticas, e de alguma forma marginais, como comunidades de Índios Norte-Americanos.

A biografia de membros da comunidade indígenas norte-americanos serviu pela primeira vez a um objetivo que seria recorrente em investigações antropológicas como levantamento de culturas minoritárias ou em vias de desaparecimento. O levantamento de uma história de vida deste tipo requer inúmeras esferas do cotidiano de vida.

No desenvolvimento do método há recorrente interesse em grupos minoritários ou marginalizados. O marco do método qualitativo de história de vida, método biográfico foi utilizado conjuntamente com os outros métodos antropológicos no estudo de comunidades imigrantes vítimas de exclusão social em Chicago no início do século XX.

Na linha de tempo que advoga a história de vida como método científico conta Robert Park em 1915 incentiva de forma sistemática, a observação participante e outros métodos no estudo das margens degradadas, W.I.Thomas mestre da escola de Chicago, publicou com Florian Znaniecki, em 1918, obra pioneira pelo seu caráter

plurimetodológico, pela utilização de material biográfico para alicerçar seus estudos (TINOCO, 1993).

O investigador Clifford Show dedicou-se também a elaboração de histórias de vida, traz o registro biográfico como método para ações com menores em riscos. Usando a história de vida produzida pelos próprios meninos (pequenas autobiografias) para reflexão e posterior tomada de decisão de cada um dos menores atendidos por ele. Em 1930 publica *The Jack Roller-Delinquentboy'sownstory*, baseada nas etapas biográficas de um jovem delinquente "Stanley" (SHAW, apud TINOCO, 1993).

Edwin Hardin Sutherland, na obra *Profissional Thief* (1937) aproveita o testemunho de Chhic Chonwell, um ladrão profissional "reformado" para sistematizar as regras desse mundo desviante, acompanhando-o desde as dificuldades familiares iniciais, ao percurso por instituições tutelares, até ter chegado à atividade criminal, assalto de rua (SUTHERLAND, apud TINOCO, 1993).

No referente artigo Riu Tinoco aponta para a metodologia das histórias de vida de dois modos complementares de encarar sua sistematização. A primeira centra-se no indivíduo e nas suas particularidades para depois confrontar-se com interpretações teóricas. A segunda serve-se da história de vida como levantamento de regras sociais de determinadas subculturas ou segmentos específicos da sociedade (p. 04)

Na história do método qualitativo, o conjunto das ciências sociais e humanas, o relegaram a segundo plano, a primazia do método científico naturalista, tradicional, positivista abafaram as histórias de vida a um plano secundário voltando ao cenário metodológico ainda que parcialmente com o trabalho de Oscar Lewis.

Segundo Tinoco, (1993), *The Childrenof Sanchez* partindo da antropologia investiga uma família mexicana nos seus diversos aspectos de vida. Esse trabalho é ponto de partida para a multiplicação de projetos biográficos. A sociologia, criminologia, psicologia, no estudo da personalidade. Sistematizando o método a história de vida podem ser de caso único e possuem já uma longa tradição na psicanálise a sociologia também é pioneira neste tipo de abordagem, o interesse do estado um caso particular é especialmente ilustrativo de um fenômeno mais global. A biografia pode centrar-se nos detalhes do indivíduo, ou para compreender um certo grupo social, neste caso a motivação da investigação não se centra na história de vida propriamente dita, mas no que ela autoriza concluir das relações interpessoais de determinada comunidade.

Poirierat Tal (1995), afirma que as histórias de vida cruzadas procedem através de acumulações de registros, a investigação não se centra num percurso biográfico particular, do contrário o material de estudo é constituído pela acumulação das histórias fundindo num só texto, do texto proceder-se à uma análise de conteúdo que será diferente de acordo com os objetivos do projeto, então é traçado uma trajetória de determinado segmento da população por tipologias biográficas.

Quanto a profundidade e intensidade da recolha biográfica, pode ser a história de vida total e história de vida temática ou parcelar. Na história de vida total, a investigação visa recolher todos os hábitos culturais, quotidianos; trata-se de compreender o modo como determinada cultura se organiza ou subsiste em contato com formas sociais dominantes. As biografias temáticas centram-se em figuras que nos são mais próximas o interesse centra-se principalmente no levantamento de determinadas especificidades biográficas (TINOCO, 1993).

A investigação qualitativa, baseada na recolha biográficas, a abordagem é compreensiva, privilegiando uma análise interpretativa do material recolhido. As entrevistas vão sendo recolhidas e analisadas, a partir de certo momento do projeto. Nesta parte, escreve-se um texto coeso e coerente contendo referências teóricas a pensadores que já se dedicaram ao tema, citando-os ou parafrazeando-os de acordo com as normas da ABNT.

CAPÍTULO III HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Sobreviventes de infâncias duras, meus pais experimentaram pobreza, cada um com sua configuração de família, meu pai tinha uma família grande, muitos irmãos e isso o tornou uma pessoa mais relacional, casa cheia. Minha mãe muito só, depois da morte da avó, viveu em meio a outras famílias, porém sem experimentar aquela sensação de pertencimento, ela conta das palavras que lhe eram proferidas definindo o seu papel social.

Entre coisas em comum, os dois tinham a beleza, o canto, a luta pela sobrevivência precocemente e o alcoolismo que vitimou de certa maneira os dois, também fez parte da história que narro aqui separadamente baseada nas minhas lembranças das histórias que eu ouvi sobre os meus pais.



Everaldo Santana – Pai, Fonte Arquivo familiar

Nascido em São Félix do Paraguaçu, filho do pescador Sérgio Santana e Cora Souza dona de casa, o mais velho de cinco irmãos vai para Salvador aproximadamente aos 17 anos para tentar uma vida melhor. Bem humorado, bonito, sorridente, meu pai fez amigos. Sérgio, meu avô por parte de pai, soube que ele era uma boa pessoa, mas que o alcoolismo roubou dele, exercer por direito, sua autoridade de pai e chefe de sua família. A autoridade era do meu tio avô, o poderoso tio Juarez, líder político e religioso em sua comunidade, São Félix de Paraguaçu, irmão da minha avó Cora, da qual herdei o nome.

O fato de ser um homem é esperado que saísse em busca de melhores condições de vida, sua vida em Salvador não foi nada fácil mas a simpatia,

desenvoltura, lhe abriu muitas portas. Meu pai aprendeu vários ofícios, foi mecânico, aprendeu a dirigir, foi motorista particular do Advogado político e ministro STF Aliomar Baleeiro, foi taxista. Gostava de aprender, gostava de máquinas, amava imagens ele era extremamente visual, foi fotógrafo. Uma das suas profissões, a experiência mais glamorosa foi atuar como participação especial no filme “O sol sobre a Lama”, meu pai nos contou que nas filmagens conheceu grandes nomes do cinema brasileiro como, Othon Bastos, Tereza Raquel, Glauber Rocha. (ANEXOII)

A Boemia do Homem de Família.

Papai amava cantar em rodas de amigos, com uma voz privilegiada ele vivia a boemia como podia, um bom baiano, e homem de família. Quando conheceu minha mãe segundo ela, transmitiu segurança, responsabilidade, era um homem do trabalho. Ele de fato era incansável trabalhador, não tinha hora, ia trabalhar às madrugadas, finais de semana, em perigos, em estradas, nas plataformas marítimas e terrestre, em campos lugares íngremes, matas, um desbravador, todo trabalho era um desafio e ele os encarava com força e coragem no auge de sua força física. Mas o seu lado boêmio, ele mantinha com os amigos numa cantoria de bar e posteriormente fez parte do clube da Seresta quando na cidade de Catu. A Boemia de papai ficou dentro de cada filha, que do nosso jeito fazemos cada uma, a cantoria nossa de cada dia.

As conquistas do meu pai eram exaltadas com orgulho por minha mãe. Ela extrovertida, forte, temperamental escolheu e foi escolhida por um homem temperamento extrovertido, cheio de um brilho pessoal e machista como todo homem de sua época. Não sei se ela o enxergava como ele de fato era, ou o seu olhar estava contaminado com as lentes da aristocracia em que fora criada. Não sei se ele a enxergava como ela era, ou seu olhar estava contaminado com as lentes do tradicionalismo machista, trazendo consigo seus estigmas a respeito das mulheres solitárias. O fato é que esses dois gladiadores viveram muitas tensões, as durezas de mamãe versus as durezas de papai, convivemos com certas guerras frias, silêncios intermináveis, que interpreto como experiências que me valeram o olhar para as crianças e compreendê-las como se estivesse olhando para mim mesma, vulneráveis crianças, imersas nas relações familiares, geralmente o mundo das crianças é imperceptível e desconsiderado diante dos conflitos entre os adultos.

Delza Ribeiro - MÃE

Nasceu em Salvador, e tendo sido deixada pela mãe, que mal conheceu, ficou aos cuidados da avó. Segundo mamãe uma mulher admirável que ela amou e foi amada. Sua avó deu a ela o que entendia ser a melhor escola final da década de trinta, começo da década de quarenta, a educação tradicional no Colégio das Mercês, uma escola confessional católica, minha bisavó Dona Ernestina tinha como confissão de fé o Candomblé. A minha mãe estudou até a quarta série primária aprendeu a ler, escrever, declamar poesias, tem uma voz como das cantoras de rádio da sua época. Sua educação familiar, o forte legado se sua avó, era repleta de ditados populares e muitos ensinamentos que repete até hoje. Quando sua avó morreu, ela tinha 9 anos.

Enfrentou o medo, a ameaça e o alcoolismo do tio, que nela gerou medo, insegurança e posterior fuga da casa dele, ainda criança. Sua fuga acontece, escondendo-se aos prantos, atrás da porta da casa de uma família amiga de sua avó. Donos de terras, donos de uma fábrica de vinhos e vinagre, poderosos comerciantes da região de confissão de fé protestante, minha mãe ainda hoje se refere a eles com fidalguia: “A família Paes Coelho” da cidade de Irará na Bahia. Segundo relatos de minha mãe, seu caso foi a juízo, embora minha mãe nunca contou detalhes sobre o assunto houve alguma violação da lei que justificou a perda

do pátrio poder do seu tio e o comerciante chamado Miguel Paes Coelho, (que hoje nome de rua no Irará) se responsabilizou pela sua criação, e o tio soldado, pobre que a ameaçava, não teria chance contra o rico Senhor da terra.

Miguel Paes Coelho não a adotou, ele a chamava de “a menina que eu crio”. Minha mãe de origem negra, pagou o preço do retorno à “casa grande” por livre e espontânea vontade, em troca de sua segurança e sobrevivência. Empregada sem salário, porque era cria da casa, no início da década de 40, criança pobre não tinha qualquer direito, foi explorada, ajudou a criar os filhos do Patrão com direitos legais de pai, cuidava da casa, ajudava na fábrica, na cozinha, na casa de farinha e tantas outras tarefas que aprendeu. Com a morte da esposa, seu “pai”, dono Senhor” tentou assediá-la, ela já era uma bela moça com quinze anos, o que a fez fugir outra vez, desta vez sem lágrimas, mas com muita decepção, ele com virtudes e defeitos era o pai que ela conheceu.

Fugiu para a casa da irmã dele, sua “tia” Sra. Gidalte Paes Coelho, Gidalte, desconstruiu um pouco o seu lado aristocrata. Logo de cara mostrando-lhe “seu lugar” e o que faria por ela. Ratificando sua condição de classe trabalhadora, ensinando-lhe corte e costura, e com ênfase sinalizou que, concretizada a aprendizagem do ofício, ela não lhe daria “nem um figo podre”. Dona Gidalte também lhe apresentou um evangelho da Igreja Batista, estratificado socialmente, que não lhe tocou o coração e nem lhe acolheu. Provavelmente cantava na igreja.

Mamãe se empenhou em aprender seu ofício. O que Gidalte não sabia, era que ela a amaria e sentiria a sua falta, mas desde que chegou, minha mãe já não guardava a esperança de ser considerada filha, não nasceu para ser escravizada e servil, a sua avó Ernestina fez com que ela, na mais tenra infância experimentasse pertencimento, isto acredito ter sido fundamental para que não aceitasse a subserviência, resquícios da sociedade com o pensamento escravocrata muito comum nesse tempo, o servo envelhecia na casa, não constituía família, trabalhava para determinada família toda a vida.

A partir do momento que aprendeu o ofício, e dominava o bordado, corte e costura, a profissão lhe deu segurança. Quando uma amiga, professora Tereza, lhe ofereceu um emprego em Salvador ela aproveitou a oportunidade para seguir. Seu ofício lhe garantiria seu sustento, ela de coração ferido deixa Gidalte. Tendo morado em muitas cidades, Irará, Lajedo alto, Serrinha, Feira de Santana, ela tinha

um coração itinerante, mudava para crescer, para buscar o melhor pra si, e assim minha mãe, chega a Salvador.

Depois de muitos anos, eu cheguei a conhecer Dona Gidalte Paes Coelho, idosa, cabelo branco, foi a primeira vez que eu ouvi falar em pedir perdão, ela procurou minha mãe para pedir perdão, isso mostra que ela foi revendo seus conceitos à luz do cristianismo para que este não fosse só de lábios, que os anos se passaram e chegou a reconhecer o valor da presença e da amizade da minha mãe, em sua vida, e disse ser nossa avó, lindo isso, ela foi bem recebida por minha mãe, mas não houve continuidade de relacionamento.

CAPÍTULO IV – HISTÓRIAS EM SALVADOR - BA

Salvador, Bairro de Macaúbas, travessa da Glória 1964 - 1967

Num movimento de retrospectiva na minha memória, eu vivenciei a minha infância em um lugar simples, onde um taxista e uma costureira “de mão cheia” podiam morar.

As perdas, ele do pai, ela da avó, os levou precocemente a lutar pela sobrevivência, cada um com sua história, recheada de experiências boas e ruins, se encontraram em Salvador. Eles eram livres, donos de seus narizes, namoraram um tempo, minha mãe ficou grávida de minha irmã mais velha e isso deu um empurrãozinho para que acontecesse o casamento. Oito meses depois que minha irmã Alba nasceu, minha mãe ficou grávida de mim, e eu nasci em 08 de Agosto de 1964, em Salvador no bairro do Rio Vermelho. Politicamente a ditadura militar se orquestrando e eu nascendo. Nesse tempo morávamos na Travessa da Glória. Lugar mágico, lá aconteceram meus primeiros encantamentos, brincadeiras com outras crianças, relacionamentos amistosos e meus primeiros medos.

Numa diminuta casinha de três cômodos, escura, de chão vermelho, não lembro de janelas, mas lembro da porta com um portãozinho de madeira que era maior do que eu, a porta ficava aberta mas o portãozinho impedia a entrada e saída das crianças da travessa com as quais mamãe não nos deixava brincar, devia ter suas razões.

Na casinha escura, os raios de sol que entravam por entre as telhas de cerâmica eram para mim enquanto criança um verdadeiro encanto, eu observava as partículas de poeiras que aquele raiozinho de sol revelava. As paredes eram amarelas, contrastava com a cor do mobiliário, em vários tons de madeira. A máquina de costura, rodeada de muitos frascos de vidro transparentes, cheios de canutilhos, miçangas, lantejoulas coloridas, continhas de todas as cores e tamanhos, ilhoses prateados, dedais, agulhas, linhas coloridas, botões de vários tamanhos, formas e cores. Sempre gostei de brincar com botões, tocar nos retalhos diversos, sentir meus dedinhos deslizar nas texturas dos tecidos, lisos e estampados, grossos, finos transparentes, tudo era brinquedo, vieses, bicos, sianinhas, éclairs, rendas, tecidos finos, sedas, cores, muitas cores. O espaço de uma costureira e bordadeira para uma criança como eu, era perfeito, eram brincadeiras e brinquedos sem conta, ainda que nem tudo podia tocar, mas como criança se adapta, brincava com o que

podia. Tive acesso a revistas de moda e moldes para costura antes mesmo das cartilhas de alfabetização. A revista BURDA era frequentemente citada por minha mãe como referência de alta costura, eu folheava incansavelmente, lia e relia muitas vezes suas imagens e depois que aprendi a ler percebi que estava escrita em outra língua.

O Rádio, o incêndio, a Mãezinha e as crianças da rua...

Na casa na Travessa da Glória, havia na pequena saleta, um rádio muito grande, maior do que eu, levantava a minha cabeça, ficava na pontinha dos pés, para ver de onde saía o som e movia o grande botão que para lá e para cá, que fazia o som ficar melhor, mais tarde aprendi a palavra sintonizar, os adultos falam e a gente vai aprendendo sem se dar conta.

Tinha uma história de pertença que eu ouvia de minha mãe, “meu rádio!” Nele ou com ele, aprendi a cantar as músicas da época, músicas da jovem guarda que me faziam subir na mesa, soltar os cabelos e dançar como Wanderléa (cantora no auge da jovem guarda, um estilo musical em voga na década de 60).

A música que eu gostava muitíssimo, quando a ouvia e pensava que o cantor cantava para mim era “Menina” (Paulinho Nogueira), até hoje sua musicalidade me agrada, me reporta a tempos de descobertas na pequena casa, universo de sons e cores. Lá passávamos eu e minha irmã Alba, horas sozinhas, acho que minha irmã dormia, enquanto eu deitada na cama, brincava com as traças (acredito que as crianças brincam com o que é possível), esses bichinhos que levam sua casinha feitas de poeira e quase imperceptivelmente se arrastam vagarosamente na parede. Numa dessas saídas de mamãe aconteceram dois episódios que acredito tê-la convencido que não era apropriado deixar crianças sozinhas.

Ela saiu enquanto dormíamos, acordamos e quando não vimos sinal dela, começamos a gritar, pelas frestinhas da porta: “Socorro Judite!! (A vizinha), minha mãe foi embora!” quando nossa mãe chegou deve ter passado, no mínimo, um certo desconforto com a vizinhança.

O outro episódio não saberia dizer qual dos dois ocorreu primeiro, só sei que éramos muito pequenas, minha irmã Alba e eu, ela combinou comigo: “Cora eu já sei riscar fósforo! vou riscar e você joga o papel debaixo do sofá para apagar o

fogo” ela como criança, achava que o papel, apagaria o fogo. E assim temos no currículo de peraltices infantis, o incêndio do pequeno sofá rústico de palha e chitão estampado com flores vermelhas que tínhamos na sala. Acredito que depois desses episódios, minha mãe estreitou laços com a vizinhança especialmente com vizinha, ela cuidava de mim, e provavelmente de outras crianças, enquanto as mães precisavam sair.

Minha vida de criança agora era outra coisa, me afeiçoei tanto a ela que passei a chamá-la de mãe, seu apelido/ofício, ela era a mãezinha de todas as crianças da rua. Minha mãe me contou que ela costumava reunir as crianças na rua. Conta a minha mãe que se ela tinha uma só fruta, ela dividia com todas as crianças, cada uma teria um pedaço. A casa de Mãezinha tinha tudo que criança gosta, acolhimento, colo, afetividade, cuidados, brinquedos, quartos fechados que tínhamos a curiosidade de entrar, doces, patinhos, plantinhas interessantes como erva-doce que eu aprendi a tirar, morder e sentir o gostinho. Comida gostosa, ela tinha o feijão preto com arroz soltinho que eu amava, minha memória guardou aquele sabor.

No quintal de Mãezinha lembro de uma bananeira. Alguém me falou que a bananeira sofria se alguém cortasse o seu coração. As bananeiras têm tronco, as bananas, grandes folhas e um coração pendurado. Eu olhava para a bananeira curiosa e um pouco assustada porque para mim ela não era uma planta como as outras, era um ser que tinha um coração, a partir desta “verás” informação eu nunca passava pela Bananeira sem me sentir observada. Olhava para ela com respeito.

A vivência com as crianças no entorno da Travessa da Glória acontecia na casa de Mãezinha, à medida que crescia, corria mais, participava mais das brincadeiras, lembro de crianças mais velhas que eu e que eram irmãos, meninos e meninas alegres que nos ensinavam suas brincadeiras, não lembro dos nomes, mas lembro que gostava de estar com essas crianças na casa da afetuosa vizinha, Mãezinha, que encheu de amor, curiosidade e vivências lindas a minha infância.

E como nem tudo eram flores na minha vida de criança, interpreto hoje que eu tinha uma mãe tensa, hoje sei que ela viveu muito “stress” na minha gravidez, no casamento, solidão, adaptação, gravidez seguida, pois quando minha irmã tinha oito meses minha mãe ficou grávida de mim. Minha mãe tinha medos especialmente dos insetos que apareciam em nossa casa e também das aranhas, escorpiões, lagartas e outros bichinhos.

Na educação ainda que em seu tempo não tenha gostado da experiência, prevalecia a reprodução do modelo ameaças de castigos físicos em gestos e palavras, a concretização dos castigos físicos, as palmadas aconteciam como em qualquer criança na minha época, eu chorava muito até dormir. Certo dia eu adormeci ouvindo a seguinte frase muito comum entre as mães na minha época, "Vou arrancar seu couro!" sonhei que minha mãe tirava meu couro, como quem descasca uma tangerina, à medida que ia tirando facilmente a minha casca, meu interior aparecia, e por dentro eu era linda, cheia de lantejoulas brilhantes esverdeadas, sonho foi lindo de sonhar.

Outro sonho inesquecível foi quando sonhei com o fundo do mar, onde tudo estava claro como quando os raios de sol penetram mar a dentro, clareando as águas deixando-as transparentes e eu via um cardume de peixes cor prata que refletiam a luz, nadavam todos juntos e de repente mudaram de direção. Era uma visão linda e eu fiquei encantada, nunca havia visto nada parecido. Compartilhando esse sonho com Gabriel meu filho então com 19 anos, ele me disse: que está tudo registrado no meu DNA como neta de pescador, essa explicação me satisfez poeticamente. A transparência, me acalma, na água, nas bolhas de sabão, até hoje, aquele sonho também foi muito bom de sonhar.

Companheira de Brincadeira na rua na travessa da Glória



Fonte: álbum familiar

Na página anterior a foto tirada próximo à casa de Mãezinha, entorno da travessa da glória, com a anônima companheira de brincadeiras, a foto Everaldo Souza Santana, meu pai.

Na Travessa da Glória, não me recordo da presença de muitos amigos ou parentes lembro apenas do tio “Cowboy”. Parece uma analogia à presença sutil do capitalismo introduzindo o consumo do açúcar em líquido gaseificado em nossa cultura, a euforia e uma sensação de poder e prosperidade. Acredito que ele fora escolhido pela distribuidora, por sua alegria, sorriso inesquecível para mim, pois ele trabalhava para distribuidora de refrigerantes, e na década de 60, investiam no público infantil com suas tampinhas promocionais, prêmios, figurinhas para colecionar, quanto mais refrigerantes a criança consumia mais tampinhas ela colecionava, trocava e exibia aos colegas. Era o dinheiro norte americano investido no Brasil, influenciando políticas de governo e de consumo chegando na minha vida de criança que indefesa recebi de braços abertos.

Dentre as amigadas de meu pai, minha mãe fala com gratidão, da Tia Itália, tio Edivaldo e o irmão de tia Itália que mudou radicalmente a nossa vida familiar ao indicar meu pai, para a multinacional contratada da Petrobras, a Halliburton.

Logomarca da Halliburton, empreiteira na qual meu pai começou a trabalhar na década de 60.



Foto no site: <https://www.kijiji.ca/bcalgary/belt-buckles/k0l1700199>

Ouvi algo sobre esse trabalho ser a grande oportunidade e que valeria a pena fazer sacrifícios. Meu pai deixou de fumar que de alguma maneira já estava comprometendo sua saúde. Minha mãe também fez muitos sacrifícios como ter um marido ausente, pois passou muitos anos trabalhando embarcado trabalhando em plataformas marítimas, no início ainda na Travessa da Glória mamãe lavava o macacão, uniforme da Halliburton, preto de óleo com uma vassoura, depois as

coisas foram melhorando e de repente a gente não morava mais na travessa da glória.

Matatu de Brotas 1968

A fotografia abaixo é um dos poucos registros da entrada de meu pai na Halliburton no ano em que eu nasci 1964.



Fonte: álbum familiar

Crianças não entendem muito dessas coisas, aquele tempo foi uma mudança atrás da outra. Saímos da Travessa da Glória para morar em uma casa, grande, clara, com piso de madeira, no bairro Matatu de Brotas em Salvador.

Naquele Natal ganhamos bonecas enormes, papai deu a si mesmo, carrinhos em miniatura que, embora tenha uma vaga lembrança dele dizer que os carinhos eram só dele, certamente quando criança não os teve, a princípio não nos permitia brincar, recebemos a informação que os carros eram de enfeite. (Era assim que na minha família se chamava objetos de decoração) eles ficavam em cima de um móvel na sala, ficava bonito ali, mas lembro que depois virou bagunça, as coisas

de papai a gente podia brincar, passava horas olhando os carrinhos, abrindo as portinhas, fazendo-os rodar.

A casa tinha paredes brancas recém pintadas, o piso de madeira clara, alguns cômodos eram azuis celeste bem claro, eu gostava dessa cor. Não sei quando isso começou mas passei a observar as estruturas dos lugares, o piso, os detalhes de um prédio, escadarias, cobogós, objetos de decoração, pedras, cristais. Nessa casa clara, grande, a família cresceu, eles ficaram grávidos da minha irmã mais nova a Ana Eloísa, nós éramos as bonecas de minha mãe que acredito não ter tido muitas bonecas na vida, éramos as bonecas que ela não teve, a casa segura para um natal com sua própria família, aquele foi o primeiro Natal de que tenho lembrança, o Natal de 1968, eu tinha 4 anos.

No bairro os sons eram diferentes da Travessa da Glória, nem os amigos, nem o verde, nem as crianças, eram sons que eu compararia hoje a marteladas em madeira, eram repetitivos e que vinham dos muitos edifícios em construção. Salvador estava em plena expansão imobiliária, crescendo desordenadamente para todos os lados. A música “Casa de Bamba” de Martinho da Vila ecoava no bairro. Esse fato me ajudou a localizar o tempo em que estávamos, ele ganhou com essa canção o festival de 1968, nos tempos dos grandes festivais da Record. Minha mãe não gostava de Martinho da Vila, dizia que a fala dele era mole, faz careta até hoje quando fala dele.

Interpretando que pensar Martinho da Vila como alguém que eu aprendi a não gostar reservei aqui um espaço, como um texto de campo, a sua biografia. Com o objetivo de rever esse conceito herdado, busco conhecer Martinho da Vila, sua história e contribuição cultural. Descobri que semelhantemente de minha mãe, sei pouco sobre esse homem e sua obra. Acredito que ele sofre como negro no Brasil, o reducionismo intencional a apenas uma de suas obras. Ler sobre ele faz parte de uma busca pessoal, uma resistência a continuar sentindo a respeito dele um distanciamento preconceituoso, já que não tenho nenhum conceito sobre sua obra, que é na verdade o que se perpetua do homem. Fiquei surpreendida com a intensidade de suas produções que vão além da música se estendendo a várias modalidades literárias.

A História de Martinho da Vila na Pesquisa de Campo

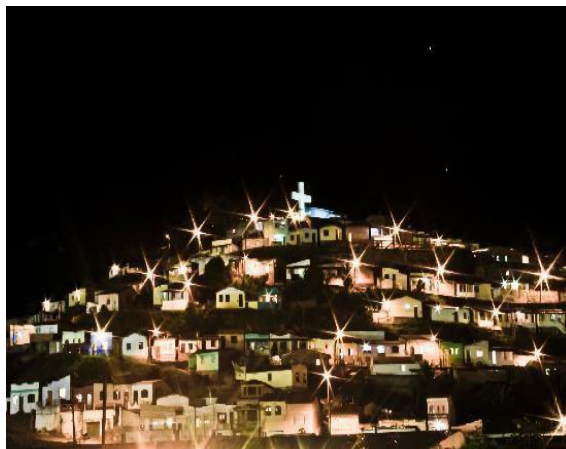
O processo de prospecção, retrospectiva desta pesquisa, bem como a interpretação dos textos de campo das minhas lembranças e das lembranças da minha mãe, e fizeram inserir a biografia de Martinho da Vila, exemplificando aqui, o exato momento em que a pesquisa transforma o pesquisador em pesquisado, olhando para dentro de si mesmo, observando-se ao produzir e fazer escolhas nos textos de Campo. As transformações que a vivência da pesquisa me fazem experimentar, a propósito de escolher o texto que compus a respeito das lembranças do Bairro Matatu de Brotas em Salvador e da escuta constante enquanto criança da música "Casa de Bamba", que além de me permitirem descobrir o ano do acontecimento decidi checar as impressões da minha mãe sobre Martinho da Vila que perduraram até decidir investigar e inserir na pesquisa, a biografia do artista. (Anexo III)

Escolhi torná-la um relevante texto de campo nesta pesquisa, para descobrir, quem é esse homem que minha mãe não gosta, e porquê? Ao ler a biografia de Martinho da Vila, me dei conta que havia herdado a antipatia repassada por minha mãe sustentada pelo meu desconhecimento do artista. Para mim, desocultar a obra de Martinho da Vila, que vai além do estilo musical de sambista, para uma multiforme produção musical e literária no Brasil e no exterior, fez-me o benefício de reconstruir de um conceito a partir da pesquisa. Resignifiquei o conceito passado por minha mãe que reduzia Martinho da Vila “ao sambista de fala mole e que bebe cachaça”.

CAPÍTULO V HISTÓRIAS EM SÃO FÉLIX DO PARAGUAÇU

A casa no bairro Matatu de Brotas, com as vantagens da beleza do lugar e mais espaço para brincar, interpreto hoje que mamãe passou a sentir-se insegura, meu pai passava muito tempo fora de casa, não sei se antes ou depois de um acontecimento em que ela viu um homem armado, escondido na divisória de cobogós, mas imagino que foi por conta disso, ficamos pouco tempo nesta casa.

A gravidez avançava, meu pai no emprego novo, a solução foi o apoio da família de papai, povo bom e acolhedor. Passamos os últimos meses, da gravidez de mamãe na cidade de São Félix do Paraguaçu, onde minha irmã Ana nasceu aos cuidados da bisavó Bazu, parteira na maternidade de São Félix.



São Félix do Paraguaçu no interior da Bahia, morava a família do meu pai, que deu toda assistência a minha mãe. A minha bisavó “Bazú” do coração, mãe da esposa do meu tio avô Juarez era muito respeitado na cidade, só lembro que ele era caboclo, muito alto, bravo, mas para mim era meu tio avô, e tinha tudo que eu gostava na casa dele. eles foram muito hospitaleiros, a minha mãe ficou dormindo no quarto do meu tio avô, que era o quarto mais bonito da casa. No meu olhar de criança, tinha uma sala muito grande, com a cadeira de balanço da minha bisavó e um grande espaço vazio. A grande porta de madeira, um janelão de madeira com quadrados em vidro. Um largo e comprido corredor e do lado direito, três grandes quartos, depois vinha uma sala onde havia uma mesa de madeira trabalhada, cadeiras, cristaleira com vidro e espelhos.

Havia uma outra saleta na frente do corredor, com uma mesa e cadeiras, mais simples, a casinha do papagaio louro, gaiolas e passarinhos, nunca esqueci do som do sabiá. Ao lado direito dessa sala a cozinha, outra mesa para se catar feijão,

arroz, cortar verdura, temperos e preparar a comida. Atrás da cozinha um banheiro grande. No final do corredor e dessas duas salas havia uma escadaria que dava para o quintal, devia ter uns 15 degraus, o quintal era uma festa de bichinhos tinha peru, galinha d'Angola, pato, galinha e galo, quando seguíamos havia uma cerca e outros bichos, dessa vez alguns porcos que chafurdavam na lama e eram alimentados pela minha bisavó. Continuando à frente à casa comprida do meu tio avô, terminava no Rio Paraguaçu, pelo menos era essa impressão que eu tinha.

Certa vez, chegamos a ver uma enchente do rio Paraguaçu, parecia um grande mar, cor de abacate pelos sedimentos que arrastava a força da água. O Rio foi chegando, chegando e faltou apenas três degraus para invadir a casa. Não sei em que tempo isso aconteceu, mas foi em uma das viagens a São Félix. Meu tio avô Juarez, era um homem bravo, eu tinha medo dele, eu o achava um gigante, a voz saía da sua boca parecia um trovão. Ele era uma autoridade na Cidade, tinha porte de autoridade.

A casa do meu tio avô ficava bem em frente à Igreja Matriz, no final da tarde passava a boiada. Os vaqueiros iam gritando à frente, avisando às pessoas que fechavam suas portas, alguns homens faziam uma farra, a farra do boi. Me contaram que um dia, um grande boi furioso, enfiou o chifre na porta da casa do meu tio avô, e que a fúria foi tão grande que o boi ficou ali, agarrado na madeira da porta, não conseguiu sair precisaram tirar, acho que quem me contou essa história foi tio Liva. Meu Coração batia forte, ao barulho da boiada passando o aboio dos vaqueiros, a gritaria na rua, era muito bom de ouvir, as vezes subia perto da janela curiosa para ver alguma coisa, meus olhos não alcançavam o vidro da janela.

Essa história de boi ficou marcada em minha vida, tenho no meu repertório de contadora de histórias, uma história de boi, no meu blog brinquei com monossílabos no texto "O boi e o sol", no meu repertório de música tem uma música de boi.

São Félix trouxe à minha vida a paixão por rios, admirava a correnteza do rio Paraguaçu, as pedras escuras, ficavam à mostra quando o rio estava com pouca vazão.

Me encantava passar a ponte Dom Pedro Segundo. A cidade me chamava muita atenção construída como um presépio o mercado, a prefeitura, a câmara dos vereadores, onde fomos a posse do meu tio-avô. Eu gostava daquela cidade à noite, tudo era misterioso, Tia Cleusa, Graça, Guto, Vinvinho, Marcinho

gostava de passar pela ponte, ir a cachoeira ver tio Suca, tia Cilene e meus primos queridos, a cidade que é separada de São Félix pela ponte Dom Pedro Segundo, são cidades históricas tombadas pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional). São Félix e Cachoeira estarão sempre em minha memória. A família Santana, de meu pai é um povo alegre, amiguelo e festeiro. Os primos que vi crianças, hoje homens e mulheres, com suas lindas famílias.



Fonte: Rio Paraquaçú.JPG Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre assado 18 de Maio às 23;30h



Fonte: São Félix e Cachoeira.JPG Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre assado 18 de Maio às 22;30h

CAPÍTULO VI HISTÓRIAS EM CATU-BAHIA 1969 - 1978

A nossa família experimentou outra mudança, mais marcante pois não foi só de uma casa ou bairro, mas para outra cidade, Catu no recôncavo baiano onde a Halliburton empresa em que meu pai trabalhava, tinha uma filial.

Chegamos à cidade de Catu no recôncavo baiano meados de 1969 à Rua Paulino César não lembro o número da casa mas lembro que ela ficava bem no meio da extensão da rua em frente a um terreno baldio e que me permitia ver o horizonte, o céu e a planície verde.

Sair de Salvador foi fácil, foi só pegar o carro e viajar. Difícil mesmo foi Salvador sair de dentro da gente. Meu pai e seus amigos, mamãe e suas amigas, a boemia a vida de solteiros, a juventude. As visitas começaram, os convites de papai para que os amigos dele viessem conhecer a casa nova e a cidade que fica muito perto de Salvador. A casa vivia cheia, e mamãe foi se cansando de ter que receber tanta gente, e ter tanto trabalho. Quando íamos a Salvador os amigos de papai não correspondiam aos bons tratos que papai lhes dava. Eles foram garimpando os amigos que de fato entendiam que agora a boemia propriamente dita, deu lugar a um boêmio mais família, com filhas pequenas.

De todas as amizades em Salvador a que perdura até hoje, as duas viúvas, tia Itália e Mamãe, ela era amiga dos dois, na época que nos mudamos para Catú, como eles tinham uma filha, Mariângela, Tia Itália e tio Edvaldo eram os prediletos. O registro aqui é que na casa de tia Itália eu ouvi pela primeira vez um disquinho de vinil com uma história. “O Macaco e a velha” (Anexo IV), é uma história cantada, um tanto racista, mas naquela época ninguém falava nisto. Ouvi compulsivamente essa história no disquinho de Mariângela. Nunca esqueci.

De todas as tias a que mais sentia falta era de mãezinha as crianças sentem falta de quem as ama e sabe expressar isso, eu sentia falta de Mãezinha, comecei a ter medo de perder as pessoas que amava acredito que nesse tempo, e me agarrei ao meu pai, medo de perdê-lo chorava muito quando ele ia trabalhar, era um desespero e vivia agarrada em mamãe, e chorava por tudo. Catu foi o lugar onde experimentei as primeiras coisas, o lugar onde eu tive minhas primeiras letras na Escolinha Cinderela, uma escola, criativa e simples, casarão grande, velho, chão de velhos tijolos quadrados de barro natural, arrumado para ser escola.

A primeira sala de aula, tinha as mesinhas com quatro pequenas cadeirinhas, muitas atividades artísticas e folhas reproduzidas com mimeógrafo.

Minha escola era rica em arte, me encantei com as bonecas de pano, com longas pernas, cabelos com longas tranças de lã dependuradas nos umbrais das portas. Lembro de uma pequena saleta em que havia uma estante simples feita de tijolos de cerâmica, alternados com placas de madeira, onde se colocavam brinquedos populares. Brinquedos que a gente compra na feira, brinquedos a gente podia pegar, tocar, brincar é como se fosse uma brinquedoteca da cultura lúdica popular. Eu corria muito e brincava na quadra de cimento da escola, lugar de brincadeiras, cirandas, cantigas. Meu cabelo ficava todo assanhado, eu devia ouvir isso das professoras pois cabelo crespo não é fácil de pentear.

Apresentações da Escolinha Cinderela, eu, minha irmã, e colegas.



Fontes: Fotos arquivo familiar

Eu parecia muito com Arizinho meu primo, as mesmas covinhas, um sorriso de eita, esqueci tudo! Uma perna grande, era linda e não sabia, numa época que negro não era belo, nem se sentia belo, meus cabelos crespos, encaracolados eram amarrados, esticados, para parecerem com os cabelos aceitáveis. Sinto um nó na garganta quando lembro que eu baixava a cabeça, e me deixava criticar, como quem tinha nascido com alguma coisa errada. "Cabelo ruim" Mas isto me configurou, interpreto hoje que tudo que nos humilha nos torna mais fortes e livres para abrir mão de muitos paradigmas culturais, familiares, em nome de um conceito novo, construído a partir da dor. Tudo que Deus faz é bom! Tenho contato com muitas

crianças que de mim ouviram e ouvirão, boas palavras: *“lindas! preciosas! especiais! amadas por Deus!”*

Um dia assim sem esperar a arte chegou e eu me encantei com suas possibilidades. Colar, desenhar, pintar, descobri que sentia uma alegria enorme com o que me ensinaram que era arte. As professoras eram quase todas da mesma família, Tia Nini e suas Filhas dirigiam à escola, deixavam que os alunos se expressassem plasticamente sem deixar de lado o currículo, mas eu não me interessava por outra coisa, queria o meu mundo dos desenhos, das cores do cheiro do lápis de cera, dos traços. Não me sentia uma boa aluna, nem me sentia inteligente, mas uma artista isso sempre me senti.

Na Cidade de Catu minha mãe professora de coração, me repassou a cultura herdada a gerações, o interior trouxe ares de sua infância e ela conosco as vezes se sentia criança também e nos ensinava suas preciosas canções, recitava no dia a dia suas parlendas, os ditados aprendidos com sua avó, brincadeiras cantadas e de roda. O prêmio de alfabetizadora vai para: Minha mãe!! em casa.

Na escolinha eu queria o que toda criança quer, brincar e brincar. As aulas mais marcantes não foram no espaço físico chamado Escola. A Escolinha Cinderela no entanto, me proporcionou inovadoras aulas passeios, conhecer a chamada na época, Fazenda Modelo. A escola agro técnica da Cidade. E lá vimos e tocamos muitos filhotes, pintinhos, patinhos, coelhinhos. Era uma fazendinha escola. Um lugar bem cuidado, o caminho era de eucaliptos com seu frescor e perfume, como criança foi um dia mágico.



Fonte: Arquivo Familiar restauração Marcos Lopes

Outro passeio que a Escola fez foi ainda mais corajoso, pois os pais foram convidados. Fomos para o zoológico em Salvador, nunca me esqueço do animal que

mais me impressionou, um urso negro, enorme, grandes garras, que bacana o que aquelas professoras fizeram. Lembro dos eventos especiais de final de ano, no clube da cidade a formatura de ABC da minha irmã que teve beca, álbum de formatura, tudo nos conformes, lembro de um desfile de moda, que uma loja promoveu em que as crianças desfilaram e também lembro das apresentações de final de ano.

A partir da quarta Série do Ensino Fundamental menor eu estudei numa Escola Cenecista, Colégio Nossa Senhora Santana. Dessa escola lembro que tudo me assustava, achava os alunos e alunas agressivas. Eu estudava em uma sala era grande, e lembro que a professora leu-nos em capítulos a história de Alice no país das maravilhas, era uma leitura sem graça, não me chamou atenção, mas pelo menos não estávamos copiando o quadro, era um refrigério do martírio da escola.

Amava o livro de geografia as paisagens que sentia encantamento ao ver a foto da floresta de folhas caducas, folhas avermelhadas, espaço a ser desvendado, lugares que queria conhecer. Nesse tempo as artes, eram artes manuais, nada de pensar em história da arte mundial ou em nossa diversidade cultural brasileira, não, estávamos vivendo o currículo da ditadura militar, do pensamento pequeno burguês, onde treino e técnicas ocupavam o lugar da possibilidade da criação e das ideias, e eu na contracultura desse pensamento diante de tantas palavras em um livro cheio de gráficos e números, me encantava com as fotos que me apontavam possibilidades, de tons e cores, mal sabem os poderosos que a arte esconde seus caminhos para se preservar, que existem pensamentos escondidos nas telas e que eles não conseguem perceber o poder, e estes como se nada fossem, tem o tempo, as vezes em eras, para despertar em outros certos querereres.

Esta narrativa sobre a cidade de Catu é muito emocionante, como se estivesse passando a história a limpo, porque eu me acostumei a demonizar esta cidade, dizendo que nada acrescentou na minha vida, mas eu estava totalmente errada, hoje com meu olhar adulto e especialmente de contadora de histórias, aprendi que cada personagem tem o seu lugar na história, sem as vilanias a vitória do bem contra o mal não deixaria seu ensino, sua mensagem, o enredo não teria clímax, a história não teria o final feliz. Empresto a compreensão, generosidade, gratidão e respeito ao papel de cada personagem desta história real, na cidade de Catu.

CAPÍTULO VII HISTORIAS DE DEUS, EM CATU E FORTALEZA

O encantamento em meus sonhos de criança, atribuo a presença de Deus comigo, o de pedacinho verde que eu brincava na casa de Mãezinha, o sol que insistia em entrar pelas frestas das telhas, a grandeza do mar que me fascinava cada vez que eu o via, em Salvador é comum, o mar cerca Salvador e eu brincava de encontrar o mar a cada subida de ladeira, eu o descobria como se estivéssemos brincando de esconde-esconde, nas depressões do fim das ladeiras o perdia, para encontrá-lo outra vez na próxima subida e “descortina-lo” no vocabulário de minha mãe, outra vez na próxima elevação.

Reconheço-o a presença de Deus na natureza. Os meus pais me ensinaram a perceber, minha mãe suspira ao ver a lua, meu pai tinha o mar dentro de si, quando trabalhando em alto mar, admirava e fotografava o pôr do sol, o azul do oceano e nas horas de folga pescava alegre como um menino, coração de pescador, depois levava o peixe tratado, para minha mãe cozinheira de mão cheia, preparar. Reconheço a diversidade de Deus enquanto observo os animais, os patos de Mãezinha, os passarinhos do meu tio avô Juarez, o magnífico rio Paraguaçu, a Fazenda Modelo (Escola Agro técnica de Catu - BA) estrelas então são horas de admiração, aprendi com Paulo de Tarso que “O que de Deus se pode conhecer claramente se reconhece por meio das coisas que foram criadas” Carta de Paulo aos Romanos cap. 1.

Aprendi sobre a paternidade de Deus com o coração de meu pai, que diante do meu choro, me levou aos seu misterioso trabalho que o roubava de mim, guardo na memória o cheiro da galinha ao molho daquele dia, comida à beira da estrada, lugar feio onde os trabalhadores do campo, das plataformas terrestres comiam também. Reconheço Deus no cheiro dos eucaliptos, na coruja com asas abertas que se bateu no vidro da caminhonete que meu pai dirigia, me dando aquela visão inesquecível. Reconheço como presente de Deus essas pequenas e suaves lembranças que trouxeram à minha mente de criança muita alegria e a mim como adulto hoje uma enorme gratidão.

A minha avó paterna, passou um tempo conosco em Catú, fazia tapetes coloridos de retalhos, me contou uma história de medo, que uma lagarta de fogo subiria no meu lençol caso eu o deixasse cair no chão e eu passei a dormir empacotada como um charuto. Minha mãe me ensinou a temer as lagartas e depois da história de Vovó Cora o medo aumentou.

Acho graça como uma história pode sedimentar hábitos que guardamos até a vida adulta. O empacotamento ao dormir só mudou depois que casei, o medo foi vencido pela presença e bom humor de Valter, me tornei uma mulher casada, desempacotada. Vovó Cora se tornara cristã, e um dia perguntou a minha mãe: “Delza você vai criar essas meninas sem Deus?” Minha mãe então procurou em Catú uma igreja evangélica. Assim começamos a frequentar a Primeira Igreja Batista de Catú.

A igreja era pequena, a salinha de crianças era no fundo da igreja, e as adolescentes davam aulas para as crianças. Havia porém a presença de mulheres especializadas no ensino infantil, que preenchiam nossa vida infantil de novidades como a missionária Mirian, que morava em Salvador. Ela veio como para um estágio e marcou a minha vida com a história de duas casas, uma fundada na rocha e outra na areia, que fora contada por Jesus, se referindo à importância de ouvir e praticar a palavra por ele ensinada. Ela mostrou o desenho, contou a história e cantou a canção. Amei aquela história. Aquela professora de Escola Bíblica Dominical na diminuta sala onde haviam apenas quatro cadeirinhas e pouquíssimas crianças, na pequena Igreja Batista, na pequena cidade de Catu, marcou tanto a minha vida que com as devidas proporções eu faço hoje como profissão, de contadora de histórias o que ela fez naquele dia. Conto histórias, faço desenhos, cenários, maquetes e canto canções.

Coisas simples podem marcar a vida de uma criança e o seu futuro. Aproveito cada criança, cada oportunidade, acredito que Miriam fez o seu melhor naquele dia, era o melhor cartaz, tudo desenhado por ela, duas carinhas de duas casinhas. Não havia nenhum músico acompanhando aquela moça, sem som ou DVDs, sem playback, mas ela cantou a canção várias vezes, para que nós aprendêssemos, eu nunca esqueci.

Igreja Batista incentiva muito a leitura, não só da bíblia, revistas, histórias, livros e através do convívio com as pessoas da igreja, nos desenvolvemos, participamos de cantatas de Natal, leituras, peças, teatro e umas viagens que mamãe ia junto. Além de meu pai que me comprava livros, revistas, e coleções. O primeiro livro cuja leitura me marcou mesmo porque não era próprio para a minha idade foi, “Foge Nick foge!” a história real de um garoto Porto Riquenho, que sendo das gangues de Nova York tem a vida transformada pelo evangelho de Jesus Cristo, pregado por David Wilkerson. (https://pt.wikipedia.org/wiki/nicky_cruz) o próprio Nick

escreve o livro e mais tarde eu o conheci em São Paulo, num evento que o MILAD participou, banda com a qual trabalhei pouquíssimo tempo, foi emocionante.

A medida que crescia, transitávamos entre dois mundos. Havia pontos positivos e negativos nos dois mundos como é a vida. O mundo de minha mãe da igreja, e das mulheres amigas, nossas tias, os pés em Catú e o coração em Salvador. E o mundo de papai, os amigos da Halliburton e do Clube da Seresta, o médico, o dono do bar, o dono da farmácia, o dono da loja etc....os pés em Catú e o coração pelo mundo todo. Sobrevivi aos dois mundos como outras crianças.

A cidade de Catu nos proporcionou o lazer da classe média, festas, jantares, viagens. Papai começou a participar dos encontros sociais dos homens da cidade, as festas da Halliburton, as viagens do clube da Seresta, geralmente encontros em que ia toda a família, as crianças ficavam juntas, eles cantavam a noite toda as músicas típicas de Seresta. Os lugares escolhidos eram praias, em casas de Veraneio, no sítio, muita comida gostosa, então era sempre muito bom, para crianças, comer, dormir, brincar!

A convite dos amigos de Seresta, viajamos para o sítio do Conde para a casa do Sr. Raymundo Espinheira e família. As férias que se seguiu, papai alugou uma casa e ficamos o mês inteiro, guardei de lá a grandeza do mar, a delícia da lagoa, o verde, as palmeiras, o palmito, a transparência das águas as ondas gigantes, reconheço como presente de Deus para nós. No Conde todas as noites a gente lia o Evangelho, cantávamos canções com mamãe, a gente chamava os amigos para participar depois íamos brincar na rua.

A nossa fé estava muito ligada a natureza e a música. E foi na Igreja em São Félix que houve um divisor de águas em relação às músicas que até então eu ouvia na Igreja. Minha bisavó Bazu era Pentecostal, uma linha menos formal entre os evangélicos, um povo marcado pelas canções animadas, num dos domingos que estávamos em São Félix, ouvi pela primeira vez um grupo de músicos cantando um tipo de música incomum para as igrejas evangélicas. Eles cantavam com instrumentos como bateria, percussão canções ritmadas, com letras interessantes e fáceis de entender, alegres menos formais, e se vestiam de forma mais leve. O nome do grupo era “Vencedores por Cristo”.

CAPÍTULO VIII – HISTÓRIAS DE FORTALEZA 1979

Moramos em Catú até dezembro 1978, passamos o natal de 1978 no hotel Savannah. Hospedados nesse hotel, na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza. Era dezembro e havia uma exposição de Natal na praça, Um presépio feito com prateados para-choques de carros, era um presépio grande, as figuras que retratavam os personagens de Maria, José, Jesus, eram quase do tamanho natural. Eu fiquei encantada pela praça e ficava na janela do Hotel admirando as novidades, e foi num desses momentos, no final de tarde que ouvimos um som familiar, eram os Vencedores por Cristo, ao vivo cantando na praça. Assistimos a apresentação encantadas mais uma vez, eram cristãos como nós mas traziam muita criatividade na evangelização de rua que faziam. Persegui a criatividade na evangelização que vi nos vencedores por Cristo, colecionava os LPs cantava as canções, e sempre que tinha oportunidade minha família acolhedora hospedava alguém, em casa quando em suas viagens pelo Brasil.

Hotel Savannah num lugar bem diferente do que estávamos acostumados. Um Hotel cinco estrelas com a efervescência todo tempo saíam e chegavam turistas de todo Brasil e muitos países, aquela efervescência de hotel nos abrigou durante 45 dias. Houve um contratempo que nós não entendemos bem, meu pai teve que viajar para a plataforma e nos deixou no hotel. Para nós tudo era novidade, para minha mãe foi um descanso, ela não tinha que fazer nada nem lavar a louça, todo tempo havia serviço de quarto, tudo estava o tempo todo impecável. As refeições principais no restaurante, café da manhã incluso na diária, a noite na lanchonete que funcionava também no hotel, para economizar. Papai teve que dobrar o seu turno na plataforma, por isso ficamos no hotel 45 dias.

A minha mãe, itinerante experiente e crente fervorosa começou a orar e imaginar que levaríamos o resto da vida para pagar o hotel. Nos ajoelhamos no quarto e pedimos a Deus ajuda. Minha mãe então resolveu conhecer a Primeira Igreja Batista de Fortaleza. De lá ela conheceu o Diretor do Colégio Americano Batista Santos Dumont na época, Amilton Cerqueira e já marcou de conversar com ele sobre nossas matrículas com desconto.

Sáímos para caminhar e procurar casa para alugarmos, de repente uma senhora que nos viu na Igreja nos chamou “É aqui!!!”. Atendemos o chamado dela, mas nem sabíamos dessa reunião de senhoras da igreja que havíamos visitado, minha mãe pediu às senhoras que orassem, por que ela precisava urgente alugar

um lugar para ficarmos. Uma senhora então disse que naquele condomínio mesmo apartamento mobiliado para alugar, a resposta de oração veio rápido, ela conversou como proprietário que também morava ali, que sem fiador, nem adiantamento, nos alugou o apartamento. De lá mamãe já saiu toda organizada, acertou tudo e nos mudamos para lá, antes de papai chegar. Quando ele chegou, encontrou tudo organizado.

No condomínio Santos Dumont, no bairro do Papicu, e moramos ali durante um ano. Fortaleza foi um Choque Cultural o Colégio Americano Batista estava em voga como uma das melhores escolas de Fortaleza, Dentre tantas inovações que vivenciamos o que mais me chamava atenção, pois Catu havia muito consumo de drogas mas ninguém tocava no assunto, nesta escola um médico, fora convidado para esclarecer aos adolescentes sobre a questão das drogas e nós tínhamos aulas magníficas, com fotos e projeção de slides, filmes a respeito da questão das drogas. Outra coisa sul real para mim era o serviço de orientação educacional que funcionava com uma psicóloga.

Deus foi a liga dos cacos em que fui partida em Fortaleza, foi uma amostragem em muitas áreas, vi muitas coisas que influenciaram algumas decisões como aprender um instrumento musical, não usar drogas, participar de grupos organizados por interesses comuns, como foi a curta experiência com a ABS - Aliança Bíblica Secundarista. Os adolescentes da nossa idade na igreja Batista de Fortaleza da classe dominante eu de uma família da classe trabalhadora. Mas eram protagonistas, organizados e líderes e faziam encontros bem criativos dos quais participei e aprendi muito. Não sentia a pertença, não éramos interessantes para eles, a segregação social, racial, pois quase não via negros em Fortaleza, foi palpável mas, digo que sobrevivemos, examinamos, esprememos e retivemos o que foi bom.

Querendo mais desse Deus que agora já era meu e não só da minha mãe, e com um entendimento de protagonismo, Interrompi o curso de Geografia na Universidade Federal de Sergipe, para fazer o Instituto Bíblico Palavra da Vida, em 1985, eu comecei a ler sobre John Stott, Frances Sheaffer, ABU-Aliança Bíblica Universitária, a revista Ultimato, MPC - Mocidade para Cristo, C. S. Lewis, uma vasta literatura de intelectuais cristãos. Eu guardo esse marco antigo, o legado da minha mãe, da minha avó Cora, da minha Bisavó Bazu. Religiosidade institucional a parte, teologias e pensamentos intelectuais sobre Deus a parte, eu decidi e decido todos

os dias guardar a fé em Jesus, meu rei, o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo, conhecer a Deus é coisa que nunca acaba.

CAPÍTULO IX HISTÓRIAS EM ARACAJU 1º JANEIRO DE 1980

Chegamos em Aracaju exatos, primeiro de janeiro de 1980 desembarcamos no aeroporto de Santa Maria, ficamos no modesto Hotel Brasília na rua de Laranjeiras. Ficamos poucos dias no hotel e já fomos para casa, na Rua Marechal Deodoro. Minha irmã Ana estudou no Colégio 11 de Agosto e nós fomos estudar no Atheneu Sergipense.

Fortaleza veio comigo para Aracaju, aprendi a querer em Fortaleza e em Aracaju eu pude concretizar algumas coisas que desejara em Fortaleza, eu queria o violão e o canto, me tornei protagonista de minha aprendizagem, autodidata, descobri que na vida a gente precisa buscar aquilo que gosta e que é preciso buscar, pagar o preço, sem a tentativa não haverá erros nem acertos. Busquei e me tornei uma estudante melhor em Aracaju.

Leão Magno diretor do Atheneu na época atendeu ao meu pedido para repetir o ano, ele permitiu. Eu havia colado tanto em Fortaleza para tentar acompanhar o nível da escola de elite e tirar boas notas, que aquele ano letivo para mim não valeu de nada. Eu me envergonhei de ter feito isso. Naquele ano educacional as aprendizagens fora da escola foram maiores do que dentro da escola.

O primeiro ano científico brilhante, um segundo nem tanto, porque tinha montado junto com minhas irmãs e amigas um grupo vocal, “Grupo Graça” gostávamos de cantar as músicas cristãs em ritmos brasileiros, samba, amávamos os mineiros, Boca Livre, Beto Guedes. Comecei a compor melodias e fazer letras perseguindo os sons que eu gostava de ouvir, era muita experiência e eu não conseguia esperar o tempo certo de viver é o hoje. Reprovei em química o professor usou do velho método da ameaça e me avisou que se eu não comparecesse aos sábados letivos ele me reprovava, fiz uma escolha, continuei viajando, mas aí tive que sair da minha escola querida, Atheneu onde eu havia organizado um grupo secundarista nos reuníamos debaixo das árvores para ler a Bíblia e conversarmos.

Odiei, mas estudei no Curso Colégio Veja, um amigo conseguiu uma bolsa pra mim. Passei um ano ali. Mas não por eles, eu tinha me tornado leitora e passei no meu primeiro vestibular, porque amava a leitura. Comecei a cursar Geografia Bacharelado, estudei dois anos. Tive o primeiro namorado. Deixei a faculdade e fui fazer um curso que havia em Recife, o namoro acabou mas fiz um ano do Instituto Bíblico Palavra da Vida. Trabalhei com acampamentos, eventos

para crianças, jovens, adolescentes, teatro cenário, música, foi muito bom apesar da filosofia fundamentalista que eu burlei como pude.

Eu não fiquei impermeável, aprendi, examinei retive o que era bom, nunca mais voltei lá. Era uma escola típica americana, mas eu não falava bem inglês, nem a linguagem que eles aprovaram, eu era uma alma livre demais.

Na época eu não gostava de Aracaju, sempre queria estar em outro lugar, eu tinha meus motivos. Enilda Sá, que eu amava demais foi minha primeira chefe, que me convidou para o meu primeiro emprego que eu não soube aproveitar, meu primeiro emprego tardiamente foi em um Centro Social ligado à Igreja Presbiteriana 12 de Agosto, mas não fiquei muito tempo fui tentar o vestibular de Artes em Salvador. Fiquei alguns meses na casa de meus tios, Élia, Geraldo e meu primo roqueiro querido Paulo Sérgio. Aprendi a gostar do som do The Police, The Cure.

Saí de Salvador e fui fazer um teste em Maceió, para uma banda cristã chamada Milad, fui aprovada, foi assim que eu fui para São Paulo trabalhar com o Milad, foi um choque ainda mais forte do que o choque Cultural de Fortaleza.

CAPÍTULO X HISTÓRIAS EM SÃO PAULO - DE 1987 - 1990

São Paulo pode ser bom, pode ser ruim depende do que se quer, quando entrei na Banda Milad pensei que iria para Recife, amava Recife fui assim a contra gosto se quisesse trabalhar teria que ser lá. Para mim de São Paulo só conhecia a imagem do meu livro de geografia do ensino fundamental menor, “A poluição de Cubatão”, no meu imaginário lá era só poluição. Em São Paulo era o escritório da banda MILAD, de lá viajei alguns meses com a banda, conheci algumas cidades brasileiras como Brasília, Goiânia, Anápolis, Ribeirão Preto, Santos, Niterói, São João do Meriti, Rio de Janeiro, Volta redonda, Curitiba, algumas cidades do rio grande do Sul, a fronteira, Paraguai, uma amostragem da diversidade social e cultural do sudeste e sul.

A princípio participei de vários eventos cumprindo a agenda da banda, mas ficava auxiliando na logística, nada de cantar. A banda estava em declínio, os nervos de todos a flor da pele, desentendimentos, parecia uma bomba relógio. Cantei em alguns shows, fiz alguns amigos que preso até hoje. Roberto Candido Barros o percussionista e produtor. Marlene e Wesley, Vocais e compositores, Eliã uma doce irmã, Nelson e Nila que conhecera em Fortaleza.

Um dia a banda acabou para mim. Ficou a aprendizagem. Permaneci em São Paulo, trabalhei com a Missão internacional Portas Abertas, e com a Escola de Idiomas Cel Lep.

Durante um tempo o casal Amauri Munguba e Layla, suas filhas Taís e Alice me acolheram em sua casa. Temi São Paulo e negocieei minha autonomia, meu protagonismo, e fui meu próprio algoz, errei em aceitar o conforto do lugar sem pertença, repeti a história de minha mãe. Tenho gratidão a Deus pela vida deles e pela experiência. Acontecendo o necessário e precioso desconforto, que desembocaria no deslocamento do lugar que não era o meu lugar, para o lugar prometido, o lugar de luta, de conquista, imprevisto, que dá trabalho mas tem a marca de se chamar: o meu lugar.

Capítulo negro da minha história, o medo me fez ficar cara a cara com o diabo. Deus me colocou no caminho pessoas certas, uma delas a Psicóloga Rosângela, me deu um livro inesquecível, “O Papalagui” livro publicado em 1920, escrito por **Erich Scheurmann**, cuja leitura me fez rever muitos conceitos. Mas o retorno só aconteceu com a oração e apoio da minha irmã Ana, que morava em São Paulo, a quem sou muito grata. Saí de São Paulo primeiro, demorou um pouco, mas São Paulo também saiu de mim.

CAPÍTULO XI HISTÓRIAS DO RETORNO A ARACAJU

Retornei a Aracaju, com a experiência de que a mudança externa de forma alguma significa mudança interior, significativas, duráveis, qualitativas. Em São Paulo aprendi a valorizar ainda mais o meu lugar, mediante a constatação do modo negativo como o sudeste de ver o nordeste. Fiz alguns meses de terapia e a querida Psicóloga Rosângela com a qual perdi contato, me apresentou o livro “O Papalagui” que me fez rever muitos conceitos sobre aparência e essência, qualidade e quantidade, muitos deles fruto da ideologia midiática à qual todos no Brasil estão expostos.

O Brasil é um país de dimensões continentais e temos uma visão caricata dos outros estados até de fato conhecê-los. Hoje falamos sobre a valorização da nossa diversidade mas ainda estamos longe de entender o Brasil, valorizar o Brasil, mas que Brasil? Existem diferenças gritantes, e pontos de profundas semelhanças em todos os Brasis principalmente no que diz respeito às desigualdades sociais e suas consequências. Pobre, mulher, preto, pária, invisíveis, portadores de deficiências, excluídos e trabalhadores do Brasil sofrem mais. A estratificação social é marcante na sociedade paulistana, se você não sabe quem você é de fato São Paulo mostra claramente como te vê, daí você escolhe ficar ou não no espaço que te reservaram.

Tenho claro quem sou, mulher negra, cristã nada institucional, artista por profissão, professora em formação, pertencente à classe trabalhadora, na época com uma adolescência prolongada pela dependência financeira dos meus pais.

Consegui alguns meses de estágio na gráfica J. Andrade, do estágio migrei para outro estágio em uma agência de publicidade, que já não existe, lá conheci o Diretor de Arte Valter Vieira Schueler de Oliveira o maior ganho nessa agência de publicidade, conhecer Valter que viria dois anos mais tarde a ser meu parceiro, incentivador, amigo e esposo. Não cheguei a ser contratada, Mas consegui um emprego como secretária numa agência de turismo, uma experiência pequena com máquinas, herdei de meu pai a curiosidade pelas máquinas, aprendi a lidar com Telex, assim eram feitas as reservas de hotéis, viagens, cotação do dólar, foi uma vivência interessante agências de viagens.

Posso entrar?

“O verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos, e que os pobres devem atribuir a sua pobreza à vontade de Deus.”

Dom Helder Câmara

Em 1991, bati na porta do albergue de meninos de rua, que funcionava na época na rua de Lagarto, à noite, depois de ter passado várias vezes na frente da casa sem ter coragem de entrar. Eu pedi para entrar. Identifiquei-me como membro da Primeira igreja Batista naquela mesma rua, e disse que gostaria de fazer alguma atividade com as crianças.

A assistente social disse: “Aqui é público minha filha, entra qualquer um!” Depois falou como instituição: “A casa é deles, pergunte a eles, se eles, querem que você venha. Depois falou com peso do descrédito que entendia na época ser aquela iniciativa. “Vem tanto crente aqui...depois...” (interpretei esse depois como uma crítica à falta de perseverança, ou métodos). Entrei e perguntei aos meninos se eu podia vir de vez em quando, ficar com eles, contar histórias e cantar canções, eu levei o meu violão, o repertório de histórias que eu havia aprendido na igreja Batista.

Vi uma crianças que me disseram ter três anos (Valtiano) e adolescentes de 17 como (Betinho) com suas olheiras, prestes a fazer 18 anos, magro, castigado pela vida de rua, gostei dele sem esforço. Havia outros de 18 anos que permaneciam ilegalmente na casa, eram tolerados pelos funcionários, acho que por pena de simplesmente lhes fechar a porta, ou medo do que eles podiam fazer.

A condição de pobreza e miséria dessas crianças, certamente não era escolha delas, eram sobreviventes. Eu entrei no espaço deles e eles entraram em meu coração, descobri que eles eram crianças, adolescentes, e não só o rótulo “trombadinhas” assim se chamavam na época, os meninos por um estilo de roubo oportunista, que usava como estratégia a trombadinha na pessoa, que deixava as vezes cair algo no chão e enquanto, pegavam por exemplo, perdiam a carteira para o menino que saia correndo e raramente alguém conseguia pegar, na minha interpretação eles eram crianças que levaram uma trombada da vida e estavam devolvendo a trombada que levaram.

Nesta noite, eles ficaram ao meu redor, alguns sentados outros deitados no chão, e eu cantei uma canção que sinceramente não me recordo, mas me recordo viva e claramente como se fosse hoje, de que eles me ouviram com atenção e respeito. Terminei a canção, as crianças pequenas dormiram, e os adolescente me olhavam, mas eu só lembro do olhar de Betinho, diluído no meio de imensas

olheiras, era um olhar bom, a minha leitura do olhar dele era: “Ela veio cantar pra gente?” e fiquei com a interrogação, será que alguém já cantou para eles dormirem em suas vidas? tão curtas, como Tatinha, menino inteligentíssimo que conheci e brincávamos de pega-varetas excelente em matemática, que morreu aos 13 anos.

Em pouco tempo aprendi o vocabulário dos funcionários públicos que trabalhavam ali, eles chamavam as crianças de “clientela”, A clientela era “volátil”, ou seja, cada dia era um grupo de crianças, nem sempre todos vinham para o albergue, alguns oscilavam entre a vida familiar e a rua. Tenho apenas um registro fotográfico desse tempo, era outra cultura, não haviam celulares mas vou partilhar aqui algumas ações educacionais de que me recordo com alegria mesmo as que não deram certo, ações que refletiam a maneira de me aproximar deles. Ouvi-las era “dar a cara pra bater”, era me expor, era me arriscar indo a lugares que eu nunca pensei em ir, saber de pessoas que nunca pensei que existissem, através dos relatos dos meninos e meninas de/na rua.

Eu observava o comportamento agressivo, ameaçador, infantil, doce, e também cheios de espertezas. As leituras de situações eram constantes, minha mente fazia desdobramentos do que certamente aconteceu ou poderia acontecer, desvirginava a minha mente após certas audições. Algumas me tiravam o sono, outras me faziam chorar, pensando que aquela criança deveria viver alegre, brincar, no entanto estava viciada em cola de sapateiro, cachaça, não tinha ninguém por elas de fato, só de direito. O ECA já existia.

Uma cena que me fez chorar muito, quando conheci um adolescente deficiente auditivo, menino na rua com uma deficiência auditiva em meio a crueldade constante que cerca uma criança em condição de rua, fiquei imaginando alguém que nem ao menos pode gritar por socorro. Eu o vi sinalizando para os meninos sua “moeda de troca” seu corpo, para obter algo que ele queria. Tranquei-me no banheiro e urrei de chorar, pois essa leitura, o desdobramento do que o levou a banalizar o seu corpo, se oferecendo sexualmente aos meninos, na minha cabeça passou um filme de terror possível de quantos abusos teria ele já sofrido por conta de sua vulnerabilidade.

As histórias das meninas eram ainda mais cruéis, suas vivências eram mais duras de ouvir, envolviam além de tudo que os meninos sofriam, abusos, exploração, vista grossa de autoridades, mais crianças geradas por elas na rua, a continuidade. Foram muitas histórias que não caberiam aqui, mas a amizade que consegui estabelecer com eles, só foi possível pela escuta. As primeiras tentativas

de aproximação, de tentar preencher o tempo com os meninos com qualidade e criatividade, passam pela projeção de slides, recursos da igreja, o primeiro recurso pedagógico de que me lembro foi uma máquina de projeção que pedi emprestado à igreja para contar histórias. Criei com sucatas que juntava das lojas do calçadão, um brinquedo de lançar argolas, Jogos de memórias com desenhos de duas revistas iguais, um outro brinquedo de colocar o rabo do burro, caiu a minha inocência – desenhei pinte durante horas um cavalo de costas com um buraco, para de olhos vendados a criança acertar o rabo, a minha inocência foi embora com a zombaria que se seguiu diante da proposta da brincadeira. Não deu certo!

Contação de histórias – Histórias bíblicas sempre, era o que eu conhecia, era o que eu tinha a oferecer de melhor, essas histórias me enchiam o coração e a mente de esperança, nunca contei outro tipo de histórias pois as histórias bíblicas, as histórias de Davi e Golias, José do Egito, as histórias do evangelho de Jesus, são histórias transformadoras e tudo o que eu mais desejava era que a transformação os alcançasse de todas as maneiras possíveis e de forma inteira. Sonhava com escolas, com boa saúde, com direito à moradia, uma configuração saudável de família.

Jogo de memória – com figuras grandes e iguais eu fiz um jogo da memória, fazia o recorte colava em papel grosso e impermeabilizava com cola branca para o jogo ter durabilidade. Eles amavam essa brincadeira que a regra é bem simples e só precisa mesmo memorizar onde está o par da carta na mesa embaralhada e virada. Quem tinha boa memória ganhava o jogo. Fiz o jogo com muitas peças e muitos meninos e meninas podiam brincar juntos, no espaço de convivência comum no albergue que era a mesa do refeitório. Eu gostava muito de brincar com eles a) e fazer valer as regras.

Quebra cabeça - Procurava várias figuras grandes e fazia o recorte colava em papel grosso e impermeabilizava. Um jogo como esse era feito para se jogar sozinho e tinha sua hora e seu valor, algumas crianças tinham a tendência de se isolar das outras.

Desenhos, Pinturas, gostava muito mas usava pouco eu não conseguia encarar os desenhos que eram a própria expressão da dor, morte, promiscuidade, abusos sexuais que acompanhavam a vida dessas crianças e adolescentes, por desconhecimento eu deixei de me valer de um poderoso recurso que atualmente entre as crianças do abrigo busco vivenciar, reconheço que é preciso uma formação específica para se interpretar um desenho infantil e fazer dele um subsídio para

ações determinadas, reconheço que não tinha qualquer preparo, poucas leituras e só posteriormente conheceria Vygotsky e outros teóricos que nos fazem valorizar um único tracejar em um papel.

Quando às canções são brincantes, Escravos de Jó por exemplo, pois querendo usar recursos que estivessem a minha mão, guardei as cascas do Sururu e propus que jogássemos escravos de Jó, essa canção popular que todos conheciam na época, eles cantaram bem alto e batiam forte na mesas cascas de sururu que quebravam fácil, primeiras rodadas zombando da minha proposta eles iam cantando a brincadeira e quebrando as cascas que viraram farelos na mesa, eles se divertiram, e eu frustrada. Julguei que essa brincadeira não deu certo, hoje faço a ressalva que para mim, não deu certo, eles se divertiram muito.

Aproveitava o material disponível no albergue, guache em várias cores, cola branca, papel A4, lápis de cor, e procurava acrescentar a isto materiais que selecionava na rua, descartados das lojas, como rolos de papelão, muito papelão, caixas de diversos tamanhos. Com eles confeccionei brinquedos, como lança argolas de papelão, e objetos para tornar o ambiente aconchegante. Usava a técnica de colagem e impermeabilização com cola branca em quase tudo que fazia para dar maior durabilidade. Decorei a entrada do albergue que já tinha saído da rua de Lagarto e passará a funcionar mais distante, próximo ao Mercado, na esquina da avenida João Ribeiro, ali passou a funcionar o restaurante e a noite o albergue de meninos de rua, assim era chamado.

Eu não me adaptei às relações políticas, como ouvi alguém dizer, “é necessário ter musculatura institucional” para sobreviver em projetos quando estes são marcados por fortes influências políticas, que acabam por desfocar o objeto final do trabalho que no caso aqui eram as crianças em situação “de/na rua” como era usada essa nomenclatura na assistência social da época, eu pedi para que me desligassem da instituição. Trabalhar com a miséria, Há de se ter a dose de fé, que na época me faltou, há de se ter um tanto de reserva de esperança, há de se juntar as forças com alguém, aprender a pedir ajuda e principalmente ouvir alguém dizer mais que “vai! Desiste não!” eu precisava de “Vem que eu te ensino!”, existe uma aprendizagem adequada a ser considerada com muita coragem, empurrando os “Tem jeito não!” e semeando tâmaras, semeando tâmaras, que só se colhe cem anos depois.

A foto abaixo é o único registro fotográfico da minha passagem pela Fundação Renascer



Fonte: Arquivo familiar

Com muita gratidão a Deus por ter me levado àquele lugar de ensino pois as crianças me ensinaram mais do qualquer universidade, por ter colocado no meu caminho a minha amiga, mãe e irmã muito amada Silvana Mendonça, Assistente Social, hoje aposentada da Assistência do Estado de Sergipe, guerreira da causa da criança e do adolescente. Encerro com essa homenagem ao narrativa sobre o tempo na Fundação Renascer. Nesse tempo eu contei com o apoio de vários amigos, Cézar professor de Educação física, Welington de Deus que na época estava na marinha, Décio enfim muitos amigos e amigas como Silvana e Tito, Jorge Santos, que me ajudaram a aprender tentando.

Outro amigo fiel com quem pude contar foi o próprio Pastor Jabes Nogueira na época Pastor titular da Primeira Igreja Batista. Que chegou a hospedar nas dependências da Igreja dois jovens que ao fazer 18 anos não tinham onde ficar. Ele não considerou a sua reputação como preciosa e correu riscos, por um propósito e compromisso com um amor prático. Aqueles rapazes deram muito trabalho. Cheguei a pensar que depois deles jamais a comunidade se envolveria outra vez com esse tipo de situação.

Aquelas dores não mataram a semente do compromisso com o social da Primeira Igreja Batista, pelo contrário, durante os anos que se seguiram alguns membros da igreja continuaram o trabalho de acolhimento especificamente com

meninas de e na rua, Esse tipo de trabalho jamais será popular numa igreja, essas irmãs e irmãos devem ter sofrido muita discriminação.

Acolher meninas de rua é um caso muito mais difícil de cuidar, pois com as meninas, problemas de prostituição, exploração sexual, abuso, gravidez, parentes, cafetões e traficantes que as exploram são esperáveis. Lutar por meninas vulneráveis em situação de rua foi muito mais árduo e difícil para as irmãs que continuaram essa luta, Muitas meninas tiveram apoio jurídico, social, moradia alimentação, saúde e foram auxiliadas pelo compromisso social da Primeira igreja Batista de Aracaju para quem registro aqui a minha gratidão a Deus.

CAPÍTULO XII ARTE EM FAMÍLIA

Valter e eu



FOTO: Marcos Lopes

A primeira vez que eu vi o Valter, estava no cômodo oposto ao que eu estava, mas conseguia vê-lo concentrado no trabalho, ele não me viu, não me apresentaram a ele, sentado num banco em frente à mesa de desenho, alguém me disse “está vendo aquele moço ali ? ele é maluco” O Rei Salomão diz: “ o difamador separa” e fiquei distanciada, ele prendia a ponta da língua entre os dentes, um olho meio fechado o outro mais aberto, óculos com armação negra na ponta do nariz, cabelos longos que eu achei belíssimo, ao contrário da informação primeira, a loucura dele era melhor que a normalidade dos outros. Com o tempo ele se mostrou uma pessoa, me tratou como pessoa, semeou e rapidamente colheu uma amiga ele desde cedo mostrou uma personalidade forte, se discordar certamente dirá.

Em Março 1993, Valter Schueler e eu nos casamos. Ele Ilustrador, artista com formação no Liceu e Arte e ofícios do Estado do Rio de Janeiro, nascido em Campo Grande e cria do autodidatismo que marca o caráter autônomo com o qual foi educado pelo pai, Leitor voraz de quase tudo especialmente de Histórias em Quadrinhos, Cinéfilo, frequentador assíduo do instituto Goethe, da Biblioteca Nacional, conviveu com artistas, diversos em sua adolescência e juventude, tornando-se um militante em defesa do direito de viver de sua arte, e experimentando o que muitos artistas relatam, descrédito, dúvidas de tantos sobre ser um artista, pressões por dentro e por fora, Ele resistiu e resiste. Não tem deixado seu sonho de ilustrar morrer. São 24 anos estilo de vida simples, concordâncias, discordâncias, alguns embates alguns artísticos, religiosos, filosóficos, interpretativos em relação a alguns roteiros de filmes.

A primeira informação, que eu não deveria me aproximar, era uma brincadeira de um amigo de infância de Valter Marton Olímpio, que o convidou a trabalhar numa agência de publicidade em Aracaju. Valter era o diretor de arte da agência de publicidade onde fiz um curtíssimo estágio, digo que foi apenas para conhecê-lo. Valter fazia exatamente o que eu queria aprender, o que eu sonhava em fazer, ele desenhava, e vivia da sua arte.

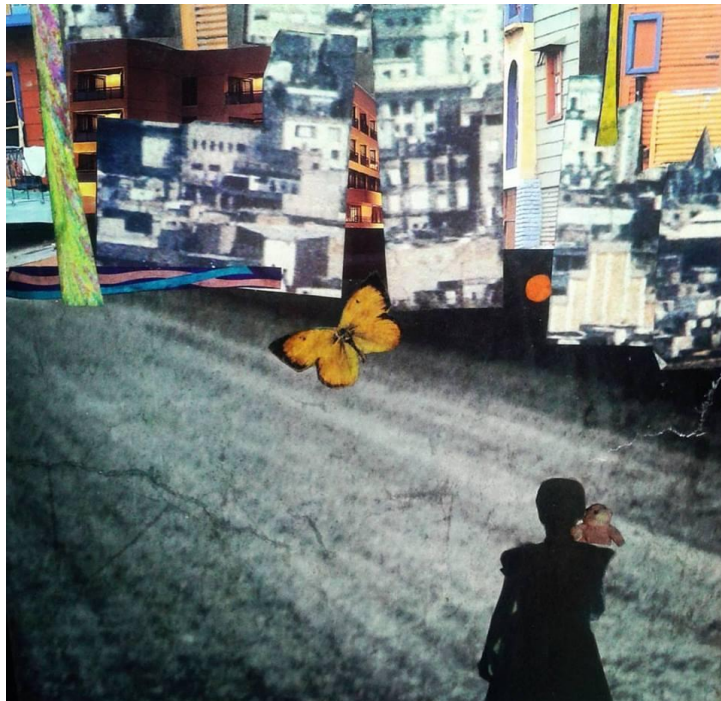
Nessa agência de publicidade, acabei perdendo o foco e permiti que me tirassem o estúdio e aceitei o atendimento ao cliente. Eu não podia aprender a prática do desenho artístico mas não teve jeito ele se aproximou e eu me aproximei me chamava para desenhar. O desenho não estava preso à agência. O estágio acabou. Dez meses depois nos encontramos de novo, na praça Olímpio Campos, foi um abraço saudoso, daí eu não consegui mais ficar longe dele queria vê-lo todos os dias

O que nos une é mais forte, temos essa forte liga que eu chamo um plano de Deus e amor à arte, ele não é institucional, nem religioso mas tornou-se cristão sem religiosidade, o que me desafia a ser mais Cristã também, apaixonada por uma prática do Evangelho, do que uma aparência, do que paredes, do que locais, do que ser vista pelos homens. Ele é a pessoa certa e me ajudou a ter um cristianismo não religioso, nem institucional. Valter hoje cristão, meu amigo meu companheiro por quem tenho profunda admiração, faz discípulos com asas, voaram.

Na pressão social por todos os lados, dos valores hegemônicos e capitalistas, de que se vale o quanto tem e consegue acumular, ele é. Acumula valores, identidade, acolhimento, amorosidade, paternidade, integridade riquezas raríssimas em tempos da banalização da corrupção, ele luta para preservar. Meu esposo, Pai, e desenhista ilustrador, ama o que é e faz, exatamente nessa ordem. Nós sua família, Gabriel, Rafael, e eu somos seus discípulos no que diz respeito a valorização da arte, pois ninguém jamais me incentivou tanto a permanecer na arte quanto ele, quando eu estava desgastada do trabalho com o projeto que se tornou eleitoreiro e pouco restava de compromisso com as crianças de fato.

Criei essa Arte com fragmentos de fotos de cidades no mundo, uma colagem, para ser a capa de uma pesquisa sobre a prostituição infanto juvenil na década de 90 chamada "Meninas de Aracaju". Escolhi a linguagem do Cubismo, para expressar a fragmentação social a que são expostas as crianças, as ilusões a que são submetidas para que resistências sejam quebradas, mostro a ilusão que

atrai e posterior desconstrução da infância no contexto das cidades, e grandes centros urbanos. Tenho os originais dessa arte como registro e experimentei com esse trabalho o que muitos artistas experimentam, A agência de publicidade me vetou o direito à autoria, e não houve citação do meu nome na obra como ilustradora, mas como participante da pesquisa o que de fato fui, nessa pesquisa eu já trabalhava na assistência como educadora social de rua. Eu não esqueço desse episódio pois este seria o meu primeiro trabalho de capa, publicado e me roubaram essa alegria.



Fonte: Arte Autoral

Decepcionada e sem foco eu precisava de alimento, como artista, precisava de cor, música, dança, expressões artísticas das mais diversas para me alimentar. Me sentia árida, perdida, Meu corpo somatizou a tristeza e eu contraí muitas doenças, tive pedra no rim, asma, de uma ferida boba infecção no pé, mioma e passei anos infrutíferos, mas meu companheiro de estrada que me conhece como ninguém, me deu aquela chacoalhada, disse-me ter uma esposa que perdia tempo, com o que não era importante para minha arte, praticamente me deu um ultimato, para que eu não retrocedesse das experiências artísticas que eu tive, das colagens, dos desenhos. Interpreto hoje que ele não queria que eu assistisse a vida, mas que eu fosse protagonista e escolhesse a história da vida que queria viver.

Nunca esqueço o dia que ele me perguntou “O que você quer?”, eu respondi que queria contar histórias. Ele me levou a um encontro de blogueiros e me deu um presente, fez o Blog, e me ensinou usar as ferramentas para que eu tivesse onde colocar e publicar as minhas histórias. Fez-me o desafio de escrever e alimentar o Blog Histórias da Cora, que foi feito como um pré-requisito para participar do encontro de Blogueiros, eu não tinha ideia do que era um Blog e descobri da melhor forma, experimentando, quebrando a resistência, ouvindo o que eles tinham a partilhar. É claro que saí de lá decidida a publicar minhas histórias, havia uma diversidade de blogueiros escrevendo sobre assuntos diversos alguns tornaram o Blog um negócio. Comecei a ler os blogs de outras pessoas, descobrindo que este era mais um espaço de expressão do gostar de cada um, existe blog de absolutamente todos os assuntos. Assim a histórias de contar histórias oficialmente começou.

Em 1998 comecei o mais perfeito curso de capacitação que privilegia o olhar da infância que se tem notícia em todo o mundo: Engravidei do meu primeiro filho Gabriel aos 33 anos. Dessa relação com uma criança que dependia totalmente de mim, nesse momento mais do que em qualquer outro momento da minha vida eu comecei a ser conquistada pelo ser criança. Deus usou Gabriel para me ensinar a ser mãe, e apesar de me sentir tão impotente e incapaz, eu queria fazer bem feito esse trabalho.

Eu conversava com ele na minha barriga e depois que ele saiu e ouviu a minha voz, parou de chorar e olhou para mim, com uma carinha que a mim parecia dizer: Ah ERA você que eu ouvia cantar? Falar? Gabriel me ensinou mais que qualquer curso, foi treinando o contar histórias que solidificou a presença da contação de histórias na minha vida. A medida que crescia em alegria, graça, sabedoria me pediu um irmão, sugeri que eu viajasse com o pai para dar um irmão a ele. Pedi que ele falasse com Deus e pedisse um irmãozinho, e assim sete anos depois veio o Rafael, uma alegria para todos nós. A essa altura eu já estava lecionando no Colégio Amadeus, onde estudavam Gabriel e posteriormente a primeira experiência escolar de Rafael. A propósito Rafael a princípio não gostava de música nem de histórias, mas como não desistia de contar e cantar, um dia como um raio de sol ao romper da manhã ele despertou para o som que já estava no DNA e para as histórias que conta hoje lindamente.

De todas as histórias que nossa família já viveu registro aqui a mais forte de todas e que muito tem nos ensinado. Registro aqui o texto criado por Valter.

“Amigos, Peço desculpas pela demora em passar informações sobre a saúde de meu filho Gabriel, mas é que (novamente) foi difícil escrever, e na verdade ainda não temos exatamente muitas informações. Apenas a indicação para exames e a expectativa sobre a definição do tratamento, mas o fato é que meu filhote realmente tem um câncer. O tumor era maligno e Gabriel vai precisar fazer o tratamento quimioterápico e radioterápico. Mas como e quando isso será feito ainda não sabemos, pois alguns exames ainda precisam ser feitos e depois disso sim teremos a indicação precisa do tratamento.

Seja como for, apesar da notícia ser a que ninguém gostaria de receber, sabemos também que descobrir o problema é o primeiro passo em direção à tratá-lo. E assim está sendo feito.

Por isso peço a todos que continuem orando e intercedendo pela vida de Gabriel e também para que tenhamos a força necessária para sermos tudo que precisamos ser com ele. Sabemos que ele é um gigante e precisamos também crescer. E assim o faremos. Apesar de qualquer receio ou tristeza, alimentem seus corações e mentes com aquilo que lhes traga esperança. Isso tem também nos sustentado. Um grande abraço a todos, PAZI!”.

Graças a Deus! Gabriel hoje tem 20 anos, fez todo o tratamento contra o câncer, e continua sobre investigação o admirável médico Oncologista Dr. Venâncio Gumes, Gabriel, cresce em graça e sabedoria, um amigo querido, um filho que nos deixa gratos a Deus e orgulhosos, um irmão muito próximo de Rafael, faz o que gosta, cursa Artes Visuais na UFS - Universidade federal de Sergipe .

Rafael nosso filho hoje com 12 anos, é um menino que também experimentou o sofrimento da família cooperando e ainda que na época não entendia tudo o que passávamos, ele sentia, talvez mais do que todos nós a ausência de Gabriel em casa conosco.

Certo dia ao chegar do hospital eu estava tão cansada fui buscar Rafael na casa de uma querida amiga irmã, Claudélia Martins e pedi a Deus forças para fazer algo que fosse interessante para Rafael com as forças que ainda tinha. Pensei em assistir um desenho bíblico com ele, pois nos alimentaria a ambos, mas acabei por ser atraída por um professor que publicou aulas gratuitas de flauta na internet. Rafael já se interessava por flauta e sempre muito elogiado pelo professor de

música, na escola Babylândia. Ele fez brincando três aulas e eu fiquei impressionada, ele percebendo a minha surpresa disse-me “Eu sou músico Mamãe!” ele recebeu um dom de Deus que era ao mesmo tempo profissão e brinquedo. Ele aprende flauta brincando e nos alegra muito pois só Deus pode recompensá-lo por ser essa criança amável e bem humorada como o pai.

Estas histórias familiares nos tornou melhores sou grata por absolutamente tudo a Deus.

Gabriel lendo para Rafael, abaixo Alba, Ana e eu da esquerda para direita.



Foto: Arquivo Familiar

CAPÍTULO XIII HISTÓRIAS NO COLÉGIO AMADEUS 2000 A 2007

Quando Gabriel meu primeiro filho, tinha três anos entendendo que precisava voltar a trabalhar, comecei a fazer cartões artísticos exclusivos para vender e ajudar na renda familiar, um desses cartões me abriu a porta para uma entrevista no Colégio Amadeus, para a vaga de professora de artes. Depois da entrevista, conhecendo o trabalho de arte digital do meu esposo Valter Schueler, o diretor do Colégio Amadeus na época, Professor Joaquim, me admitiu para trabalhar no laboratório de informática que ele pretendia criar para o ensino fundamental menor. Assim eu pisei no chão da escola.

O Diretor Pedagógico na época Joaquim Machado me deu abertura para trabalhar. Criei laboratórios de informática a serviço de cada segmento educação infantil, ensino fundamental. O foco do trabalho não seria a informática em si, mas a informática a serviço do currículo. A escola não tinha experiência e eu também não. O Prof. Joaquim Machado me fez a proposta de começarmos juntos, isso me deu liberdade para criar. O laboratório era para mim a exata expressão da palavra, um laboratório pedagógico, ligado à internet com tempo e espaço para a pesquisa e muitas leituras, era um laboratório de criação, de onde saíram ideias que enriquecem a minha prática. Lá criei vários projetos, alguns coloquei em prática lá mesmo com os alunos e outros esperam o seu tempo, ou foram colocados em prática no Jardim Escola Babylândia.

Estas ideias extrapolaram o espaço físico do laboratório de informática que ficava localizado em frente à quadra, onde havia educação física, mas também acontecia o recreio das crianças, por ali passavam as crianças de ensino fundamental menor, maior e até alunos do ensino médio. Aquele espaço enorme que estava em frente a cantina tinha uma visão panorâmica. Nasceu a ideia de aproveitamento do espaço como parceiro para os nossos recreios, brinquedos e brincadeiras à mostra para que os alunos da do ensino fundamental menor a coordenação a que estava diretamente ligada, em seu recreio livre, pudesse encontrar seus pares, outras crianças se quisessem brincar com as mesmas brincadeiras. A direção mobilizou recursos e disponibilizamos às crianças amarelinha desenhada no chão, cordas, elástico, quebra-cabeças jogo da memória feitos artesanalmente. Aproveitamento do espaço em frente à coordenação, o piso

em frente à coordenação em forma de tabuleiro de xadrez o granito negro e o granito cinza.

Fiz as peças para que as crianças jogassem Dama gigante, em média podiam jogar dez crianças que já não ficavam mais correndo, mas passavam o recreio livre mas centrados naquela brincadeira. O espaço físico se tornou mais brincante e enriqueceu o tempo crianças.

O desejo era avançarmos com a participação das alunos suas propostas de ocupação de espaço ocioso na escola com expressões da diversidade de gostos dos alunos, pensamos que certamente iriam surgir sugestões como HQ, instrumentos musicais, material de desenho para os desenhistas pudessem está usando aquele espaço. As pessoas são únicas o recreio oportuniza a valorização de um tempo potencialmente relacional de descobertas de subjetividades que não fazem parte do currículo da escola mas que acontece ali, por ser um espaço onde as crianças passam muito tempo de suas vidas. Um outro projeto chamado grandes nomes da literatura grandes brasileiros na verdade era pra gente fazer uma galeria com a mostra das biografias de grandes nomes do Brasil em variadas vertentes como música, pintura, literatura, teatro, história enfim o objetivo do projeto era dar subsídio para a construção de identidade de povo brasileiro. A galeria responderia à pergunta quem é, o que fez esse brasileiro para se tornar um grande?

O Diretor Pedagógico por quem passavam todas as proposta de projetos, o professor Joaquim Machado, recomendou: “Boa ideia Professora Coracy, mas não quero velho e não quero morto” Mais da metade da minha lista foi cortada. Vinicius de Moraes é morto, João Gilberto é velho, Tiradentes é morto, Di Cavalcanti morto, Ayrton Senna é morto, Pelé velho, Milton Nascimento é Velho enfim o projeto foi reduzido aos atletas que disputariam as Olimpíadas naquele ano.

Com o passar do tempo o laboratório de informática foi perdendo a sua função. As experiências lindas ali naquele laboratório foram muito preciosas, porque foram vivenciadas entre a professora e os alunos, apenas uma vez por semana. Encontro até hoje alunos que me olham com olhar de gratidão, por um tempo vivido ali dentro daquele laboratório, nessa relação professor-aluno, a coordenação não tinha muita consciência do que acontecia ali, nem a direção da escola, nas quatro paredes daquele laboratório, aulas riquíssimas, momentos riquíssimos às vezes conversando de forma intuitiva as contribuições acabavam acontecendo. Algumas dificuldades eu reconheço que experimentei. Até o “não ter”, pois em detrimento das

máquinas, o sucateamento do laboratório de informática, gerou uma produção textual riquíssima das crianças. Tentei fazer o melhor possível nas condições que me foram apresentadas. O compromisso é com, a criança, por ela vale interpretar como possibilidade, as condições desfavoráveis.

O tempo no Amadeus Estava acabando, comecei a procurar outra escola, mas não seria qualquer escola, mas uma escola onde o que estava explodindo dentro de mim pudesse ter vazão. Eu queria muito contar Histórias. Fui a várias entrevistasse a porta aberta por Deus foi o Jardim Escola Babilândia.

CAPÍTULO XIV HISTÓRIAS NO JARDIM ESCOLA BABYLÂNDIA

Por indicação de uma amiga Luciana Cely fui contratada para lecionar Artes o Ensino Fundamental Menor. Como trabalhei nos últimos meses no Amadeus na Educação infantil, ainda que cada instituição tem suas peculiaridades, não temi, tinha uma coragem dada por Deus me entreguei de coração a escola que me acolheu. Acolhimento das crianças pequenas em 2008 eu solicitei a diretora da escola Monique Cabral, se poderia contar uma história e cantar canções para as crianças pequenas. Depois disso diretora da escola me ofereceu mais horas me senti sendo abraçada. Eu tinha muitas ideias inclusive muitos projetos que não consegui colocar em prática no Colégio Amadeus, consegui colocar em prática no jardim escola Babylândia.

Decoração do stand para a feira de ciências, esculturas em isopor e papel.



Fonte: Stand que decorei para a feira de Ciências com o tema Cinzal e Palha.

Algumas aulas para mim foram inesquecíveis:

A Escola Babylândia pude sugerir o que vivi em minha escola inovadora "A Escolinha Cinderela" em Catu. A Escola proporcionou aos alunos uma aula passeio no Museu de Arte de Xingó, para ver a arte primitiva rupestre, as olarias de Santana do São Francisco e a visita a casas de artesanato em cerâmica. Na tela

digital com ligação à internet fizemos visitas virtuais a cavernas na Espanha e as crianças vivenciaram a experiência da arte rupestre antes mesmo da visita real.

Máscaras no Mundo:

1ª A exposição das Máscaras em vários países do mundo no telão digital na sala de informática.

Próximo ao carnaval, exibimos a pesquisa sobre o uso Máscaras na Península Ibérica, Itália Portugal, máscaras africanas, máscaras no oriente pelos chineses, japoneses no seu teatro tradicional japonês e chinês e tivemos uma apresentação em amostragem para as crianças, antes de fazermos as nossas máscaras

2ª Confecção das máscaras com um misto de várias ações conjugadas, desenho em sala da máscara como um planejamento das máscaras que iríamos fazer. A colagem, do papel numa bexiga pelas crianças, a pintura da máscara escolhida pela equipe.

3ª Exposição de máscaras para toda Escola num vivência que exercita o olhar, a apreciação da arte pela comunidade escolar.

Árvores do Brasil - Meio Ambiente.

Exposição para as Crianças de um slide show das árvores brasileiras, principalmente as gigantes castanheiras da Amazônia, o Jequitibá e as nossas fruteiras.

Seguiu-se uma outra exposição usando sementes e de abóbora de girassol fizemos um quadro que as crianças produziram e levaram para casa, uma homenagem ao meio ambiente,

Homenagem à Xilogravura e o Cordel

As Crianças do Ensino Fundamental assistiram o cordel “O Coronel e o Lobisomem” transformado em curta metragem. Depois produziram uma arte aprendida com o prof. de Artes Rubens meu grande Amigo, trabalhei com eles desenho escavando no isopor e o carimbo no papel, uma experiências da arte homenageando a arte que acompanha o Cordel xilogravura.

A Arte de Oscar Niemeyer com as crianças do Ensino Fundamental nós visitamos Brasília para conhecer a arquitetura e o traço do Arquiteto mais famoso do Brasil e ainda vimos a fundação de Brasília os desenhos que ele fazia e uma pequena entrevista com ele.

Abro um parêntesis aqui na história da Escola Babylândia, para contar a história que simultaneamente acontecia enquanto a minha história na escola ia sendo construída e vivenciada. Fui tão acolhida no Jardim Escola Babylândia, que Deus me deu a convicção, que o meu tempo ali era limitado, e que o propósito de estar ali era ter e ser uma boa dádiva. Sabendo que a experiência teria um final e os tempos e as épocas pertencem ao Senhor disse o apóstolo Lucas no livro de Atos 1:7, coloquei as habilidades que Deus me deu a disposição da Escola, Gratidão a Deus por absolutamente tudo que vivenciei em experiências e práticas docentes com a Diretora Monique Cabral e Tânia Cabral in memoriam, Querida coordenadora Rosa Lacerda, Coordenadora Andreza Sobral e toda a equipe pois reconheço que Deus as viu, como o melhor para mim naquele tempo.

As experiências trabalhistas que vivenciei anteriormente, me deu uma convicção e prometi a mim mesmo que jamais ficaria ligada exclusivamente a uma só instituição, pois senti que emocionalmente não é bom, a insegurança de se depender totalmente de uma instituição. Ainda que contratada pela Escola Babylândia, continuei com relacionamentos com outras instituições, como o Cirandar, Oratório de Bebê, Instituto Mariana Moura, FIQ matérias isoladas, O Americano Batista, foi uma delas, escola muito querida, e nesta escola eu recebi a proposta da diretora, na época, Olúsiva de fazer um projeto de Natal.

Compus um Auto de Natal uma proposta de Natal essencialmente cristão que falasse da pessoa de Jesus o seu nascimento, criei as canções junto com a contação de história, simples feito apenas com voz e violão. Experimentei fazer o que era possível na época, e aprendi que na produção artística quando não temos todas as condições de patrocínio, investimento, fazemos o que é possível, nós fazemos o nosso melhor. Conteí com a violonista Cândida Mangureira, minha amiga que me acompanhou, Deus é especialista em abrir e fechar portas, nos ensina a ter um plano “B” e uma postura mais flexível, diante do não do Americano Batista pois pretendiam um projeto menos audacioso, e interpreto que se eles tivessem dito sim o Auto de Natal teria um papel mais limitado, mas diante do “Não” procurei outros espaços onde o Auto de Natal, pudesse ser exibido ao vivo com minha companheira Cândida Mangureira.

Numa das escolas em que nós apresentamos ao vivo o Auto de Natal, “FIQ” dos meus amigos irmãos Adriano e Helena Bonaparte, recebi o incentivo de tornar aquele projeto um CD, eles não só fizeram a proposta mas também se

comprometeram com a concretização da mesma. Indicaram o parceiro de gráfica que foi a Gráfica Infographics que executou a arte do meu esposo Valter Schueler, a gravação na central Studio. Com Cândida Mangueira no violão. Adriano, Helena Bonaparte, Tia Roberta eu os acho visionários e os tenho em alta conta.

O Auto de Natal até hoje é uma produção muito valorizada porque traz em si a contação de uma história maravilhosa, e cantos. A história do nascimento de Jesus ainda que seja uma produção bem simples eu tenho muita gratidão a Deus, fazia as composições e chorava muito ao ouvir as melodias, uma parceria com Jesus na produção de um trabalho que levaria o seu nome a muitas pessoas. A Escola Babilândia, na pessoa de apoio de Monique Cabral, ela presenteou as famílias da Educação Infantil com a história de Jesus, que Deus a abençoe por isso.

Apresentei à diretora Monique Cabral a experiência da Colagem tendo como pano de fundo o texto maravilhoso de Ruben Alves “O Jardim” que experienciei no Amadeus. Ela então adaptou a proposta do livro de colagem e fizemos um livro por criança, fiz uma página por turma no Amadeus. Cada criança fez sua própria colagem e elas levaram o livro para casa, foi uma riqueza as crianças escolheram e foram montando seus livrinhos com recortes de revistas. Eu experimentava o que era a parceria, direção, coordenação e professor de sala de aula.

No Espetáculo “Macacão ou Amarelinha” cedi o uso para a escola do texto que criei em homenagem às experiências transculturais da minha família, quando fomos morar em Fortaleza e fazendo amizade com os vizinhos descobria a diversidade brasileira também nas brincadeiras de rua. A Diretora a Coordenação e sua equipe de professores foram os atores no espetáculo teatral dirigido pelo ator e professor Gênesis, coreografado por minha amiga e professora de dança Renata Munerato. Na foto meu colega Carlos Ubiratã e eu no ensaio antes da estreia.



Fonte: Foto arquivo familiar

Particpei também da trilha sonora do espetáculo com três canções a “Peteca”, “Amarelinha” “Xote da Vovó”. Mais tarde a escola produziu um CD e as músicas foram gravadas na voz das crianças, culminância do projeto anual brinquedos e brincadeiras. O segundo CD as canções autorais, arranjos de Alberto Silveira (violonista) e a participação de Lucas Campello (Sanfoneiro) TonToy (Percussionista) eram canções que eu já usava em minha prática diária em sala de aula.

Na escola o nome do CD foi “Para Cantar” e para mim posteriormente organizei junto com a direção de Arte de Valter Schueler o CD “Conto Porque me contaram” na terceira edição registro das canções autorais que tenho usado no meu trabalho de contação de histórias. Através do CD as canções têm ecoado em escolas, creches, nos caminhos que os carros percorrem, pois este tem sido companhia para as crianças e seus pais no trânsito. Tem ecoado em oficinas de expressão corporal, oficinas de contação de histórias, eventos.



Fonte: Capa do CD “Para cantar”

Compus canções inéditas que eu cedia para os espetáculos da escola, depois usava em outros espaços como uso até hoje, deixando claro à escola a convicção dos meus direitos autorais. Compus as canções do espetáculo “Circo com Animal não é Legal”. Canções de bichos e insetos que as crianças dançaram no espetáculo de ballet, minha participação no espetáculo escrito pela bailarina e professora de dança Renata Munerato. O espetáculo contra a presença de animais em circo. Recebeu a menção honrosa na Câmara dos Vereadores através do vereador Chico Buchinho, criador dessa lei municipal

O trabalho de produção de projetos com canções continuou e eu fiz o projeto Mamãe minha princesa onde a gente fez paródias com canções que já são conhecidas e compus algumas canções também, uma leitura dos clássicos com a ideia das princesas protagonistas como mães, Rapunzel como mãe, Bela Adormecida como mãe. Criei também um projeto com canções autorais para o dia dos pais.

Foto com a saudosa Tia Tânia Cabral e o musicalizador da escola Carlos Magno do Espírito Santo com o qual também apresentei o projeto.

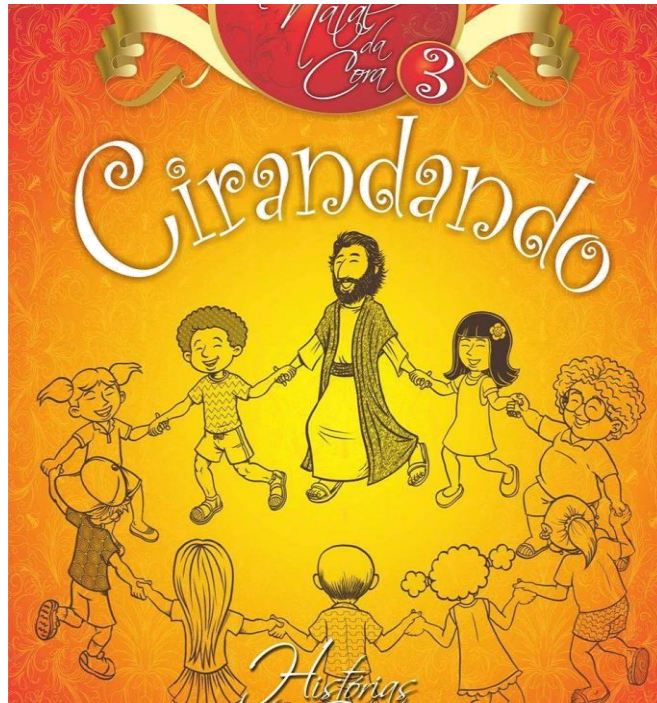


Fonte: Projeto

Projeto “Cirandando no natal “a proposta de fazer projetos de natal na musicalidade das nossas Cirandas populares, Ciranda é algo que eu amo muito, então eu fiz canções de natal em ritmo de ciranda com os arranjos de Diego Lima violonista e Paulinho Araújo percussionista e multi instrumentista, Direção de Arte Valter Schueler.

O último projeto a finalização do tempo no Jardim Escola Babylândia, foi um Projeto literário, nele eu creio que foram aproveitados todas as habilidades de criação de texto e melódicas em homenagem à cultura, à literatura, meu imaginário influenciado por Monteiro Lobato, o sítio, lugar onde tem avó, encantamento, amorosidade “Cadê a História que estava aqui.”

Capa do Terceiro CD de Natal "Cirandando"



Fonte: arte de meu esposo Valter Schueler

O ciclo do tempo de Deus na Escola Babilândia se encerra em 18 de Janeiro de 2017, todo deslocamento traz desconforto para ambos os lados, mas acredito que eu fui a parte que mais sofreu, pois a escola está acostumada a esse trânsito de saídas e entradas de muitas pessoas.

Amei esta Escola e meus alunos pequeninos que insistia em acariciar os cabelos, ouvir suas vozes conversando e crescendo na educação infantil, aos quais escolhi de coração quando pedi a Diretora Monique Cabral para ficar somente com a Educação Infantil, e graças a Deus ela me permitiu essa escolha. Eu fui feliz demais na Educação infantil do Jardim Escola Babilândia e me arrisco a dizer que fiz crianças felizes.

Eu precisaria de um livro só para narrar histórias e mais histórias vivenciadas na Escola que não é a estrutura física, mas sim pessoas, vivendo juntas com as mais variadas idades com o propósito de repassar sua cultura educacional, ensinar pessoas de forma amorável, e acolhedora. Foram histórias e amizades maravilhosas, que fiz com famílias, pais atenciosos, professoras dedicadas, interações inesquecíveis que foram positivas e decisórias para que eu finalmente entendesse que Deus me escolheu não só para ser cantar canções, e contar histórias mas também para ser mestre, professora.

CAPÍTULO XV EXPERIENCIANDO AS HISTÓRIAS

As experiências registradas aqui em fotos são vivências em vários espaços que acabaram se tornando preciosas experiências, embora eu não tivesse a pretensão de fazer Educação no sentido mais profundo da palavra, mas a educação disponível na arte e na cultura cujo objetivo geralmente é proporcionar uma experiência subjetiva, agradável, prazerosa e isto me bastava. Com o passar dos anos, essas experiências passaram a ser percebidas por mim de uma maneira mais rica, pois a reação das pessoas na interação com a arte proposta traziam seus relatos, observações, fizeram com que eu percebesse que algo maior poderia ser esperado, compreendido, aperfeiçoado.

A Educação acontece na vida, onde as pessoas estão, no Movimento dos Sem Terra, brota no sertão árido e pobre, na música de Luiz Gonzaga na identidade de sua arte, na sua formação popular cultural, artística, poética herdada do seu pai Januário, e este repassou a Gonzaguinha que tinha o seu próprio.

A Educação exala seu perfume nos cordéis, na poesia de Patativa do Assaré nascido na aridez é riqueza do Sertão, na cultura de um povo visto como menor no Brasil nosso povo nordestino.

Dentro da escola há sempre uma outra escola dentro da escola, há alguém pensando e ensinando uma educação das minorias, educação de resistência, libertária, crítica. Há sempre um grupo minoritário que se opõe, que vai tentar como formiguinha influenciar uns poucos, para que esses poucos possam continuar buscando uma outra Educação dentro da Educação. Que liberta pessoas, que inclui pessoas "Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinários." Provérbio Africano.

No presente capítulo é dedicado a essa educação minoritária resistente Libertadora, amorável, acolhedora, isonômica, transformadora, utópica que eu acredito possível, privilegiada a prática, a vivência prazerosa e lúdica, considerando que as crianças aprendem na brincadeira, as contações de histórias se transformam em experiências brincantes e artísticas que de forma indireta, participam na configuração e preservação da criatividade na Educação Infantil.

A vivência da fábula "O leão e o Ratinho" (Esopo séc. VI A.C.)

Um leão, cansado de tanto caçar, dormia espichado à sombra de uma boa árvore. Vieram uns ratinhos passear em cima dele e ele acordou.

Todos conseguiram fugir, menos um, que o leão prendeu embaixo da pata. Tanto o ratinho pediu e implorou que o leão desistiu de esmagá-lo e deixou que fosse embora. Algum tempo depois, o leão ficou preso na rede de uns caçadores. Não conseguia se soltar, e fazia a floresta inteira tremer com seus urros de raiva.

Nisso, apareceu o ratinho. Com seus dentes afiados, roeu as cordas e soltou o leão. As crianças tinham colado cada uma o cabelinho do leão, começam a visualizar a figura do leão, eles viram aparecer a figura do ratinho, e pronto, a história virou brinquedo.

Escolinha Curtindo o Coração com Tia Dane Nova e as Crianças, fazendo a história virar brinquedo.



Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Fotos de Arquivo Pessoal

Focando Histórias Lino de André Neves



Fonte: Arquivo Pessoal

Espaço decorado para o Natal, papel paraná e pitot preto. Curtindo o coração



Fonte: Arquivo Pessoal

VIVÊNCIA DA PRIMAVERA

A atividade artística foi criada para ser vivenciada com a participação das crianças, foi pensada para a faixa etária de dois e três anos, atividade aberta, coletiva, relacional com o propósito de que construíssemos juntos a copa do Ipê. Como o espaço era privilegiado pela luz do sol, este criou efeitos de cor ainda mais artísticos enriquecendo a atividade, o espaço também de passagem das crianças e das professoras acreditamos que pelo perfil da escola, inspirou outras vivências e oportunidades de aprendizagens.



Fonte: Arquivo pessoal

PALCO GIRATÓRIO SESC CENTRO



Fonte: TWO

AÇÃO GLOBAL SESC



Fonte: Arquivo pessoal

A instituição Sesc foi de extrema importância para o ofício de contadora de histórias, comecei fazendo uma apresentação com história para adultos no Sesc, depois na biblioteca itinerante BiblioSesc, na galeria do Sesc, no projeto Caravana da Esperança, Mesa Brasil, o encerramento no Charles Moritz, o encerramento no Tobias Barreto, no ano seguinte. Foram três anos de um relacionamento muito bom entre a instituição Sesc e o meu trabalho, participei da ação global, Participei de várias iniciativas quando houve uma parceria entre o Sesc AVOSOS, Palco giratório e uma série de apresentações em várias frentes educacionais que o Sesc, SESC Socorro, fui para várias apresentações.

O SESC, instituição teve um papel fundamental para a prática que precisava ser desenvolvida, eu tinha acabado de chegar do encontro internacional de contadores de histórias “Boca do Céu” cheia de ideias na cabeça, eu já tinha algumas Produções mas sai de lá animada para fazer um trabalho mais elaborado, e o Sesc foi esse espaço. A parceria muito profícua eu tenho muita gratidão por tudo que eu vivenciei no Sesc uma casa incentivadora do artista Sergipano Feira de Sergipe **FECOMERCIO** orla de atalaia.

Espectáculo De Contação De Histórias Sesc e Oficina Música e Movimento
Março 2014 Sesc.



Aquivo Pessoal

Festival Internacional Boca Do Céu - São Paulo 2012



Fonte: Foto de despedida do curso: A Arte de Narrar - Fundamentos, interpretação e repertório - Oro Librowicz

http://bocadoceu.com.br/adm/wp-content/files_mf/programabocadoc eu2012.pdf

Contação De Histórias No Oratório De Bebê



Fonte: Arquivo Pessoal

Lançamento Do Cd Conto Porque Me Contaram no Encontro De Contadores De Histórias Em 2014.



Fonte: Arquivo Pessoal

Liceu de Estudos Integrados



Fonte: Arquivo Pessoal

Hospital São José acolhimento de doentes mentais



Fonte arquivo Pessoal:

Parque dos Cajueiros



Fonte:Luana

Sesc Mesa Brasil



Fonte: Gabriel Schueler

Projeto Amigo Animal Secretaria Municipal do Meio Ambiente



Fonte: Igor Azevedo

Festival KIDS Praça do Garcia Jardins



Fonte: Samuel Alves

Semana da Criança Shopping Jardins



Fonte: Arquivo Pessoal

Contando Historias das casa na rocha e da casa construída na areia parábola de Jesus.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na Galeria do SESC exposição em parceria com a AVOSOS



Fonte: TWO



Fonte: Arquivo Pessoal na AVOSOS

FEIRA LITERÁRIA FLISE – STAND DO COLÉGIO MÓDULO



Fonte: Arquivo Pessoal Colégio Módulo na FLISE



Fonte: Arquivo Pessoal, FIQ véspera de vestibular

CAPÍTULO XVI - CONCLUSÃO

A voz expõe, traz à tona, externa o que está no nosso interior, a memória articula passado e presente numa busca de sentido à história única onde, como, porquê e quando são colagens que compõem particularidades em processo de constante atualização e construção do que se vive, enquanto vive. Tudo faz parte do todo. Dar significado e relevância a esse todo é escolha. Partindo da consciência de tudo no todo, da montagem de tudo que se vive, na escolha de dar significado à sua e às outras vidas ao seu redor.

Nas memórias de minha mãe, posso reiterar que as experiências relatadas aqui, tudo que viveu, conviveu, sofreu, experimentou, discriminação racial, social, abusos, fizeram-na reproduzir a cosmovisão adquirida ao longo da sua vida. Isso lhe foi ao mesmo tempo peculiaridade, diferencial, orgulho, determinou aproximação e afastamento de relacionamentos, influenciou seus conceitos de bom e belo, certo e errado e os repassou.

A exemplo da pessoa de Martinho da Vila, quando decidi duvidar da visão primeira sobre ele, que me foi passada pela minha mãe, ainda que entendendo a sua história pessoal que determina seus conceitos, fazendo perguntas como quem, quando, porque, onde, características da pesquisa perceptíveis no presente trabalho, eu jamais saberia de fato é Martinho da Vila, sua produção cultural de compositor eclético, escritor de vários livros, inclusive de literatura infantil

Esta autobiografia enquanto exercício de rever a minha história, trouxe o ganho do rever conceitos adquiridos, entendendo que pessoas jamais serão apenas o que vejo, ou a visão que alguém quer me emprestar. A aparência, não revela a essência. Uma pessoa é uma biblioteca, um universo. Nessa constante busca está o caminho do Contador de Histórias, tudo é ou será de alguma forma relevante, útil em sua aprendizagem dinâmica, constante para ser um narrador oral, creio ser essa a maior contribuição que minha experiência enquanto Contadora de Histórias tem a oferecer à Professora em processo de preparação contínua, coexistindo inseparáveis no mesmo corpo.

O contador de Histórias reivindica ao professor, participação indissociável na construção de um currículo próprio para a educação infantil. Convida o professor na sua intencionalidade pedagógica, trilhar o caminho de encantamento e brincadeira, enquanto linguagem a ser seriamente considerada pelo adulto que se

pretende professor de educação infantil. Coexistindo o professor e contador de histórias, haverá sempre um chamado subjetivo a preservar e respeitar a infância buscando o olhar do ponto de vista da criança para que sua prática passe pela vivência com a criança, e não seja engessada dentro do contexto intelectual, acadêmico distanciado da experimentação que traz vida à escola. O contador de histórias convida o professor a uma prática de novos repertórios de ações a semelhança da constante busca de novos repertórios de histórias.

O contador de História entendendo a sua arte como volátil, se reinventa, inaugura a cada nova história o modo de contar, para que o encantamento não seja perdido e a história cumpra o seu papel sensitivo e sócio histórico. Se há algo cristalizado, sedimentado na arte de contar histórias é a necessidade de sua preservação e prática no universo infantil, mas o modo de contar e de fazer com que a história chegue a uma criança é diverso, sempre novo, jamais alguém conseguirá contar uma história exatamente do mesmo jeito sempre, há de se ter um novo suspirar, uma gargalhada mais alta, uma pausa mais longa ou curtíssima, que faz a delícia da história.

Num trabalho auto biográfico, onde o levantamento de textos de campo, passa entre outras coisas pela escolha constante do que deve ser inserido ou não no trabalho final. A escolha nos leva a interpretar o que significaria o leitor perceber apenas relatos positivos, num determinado texto ou em vários textos? nada é todo tempo perfeito e positivo, logo chegam os questionamentos naturais para esse tipo de pesquisa o porquê da omissão do lado negativo certamente observado e vivenciado? porque relatos negativos foram omitidos? Declaro então que os omiti propositalmente baseada na filosofia, que escolhi para nortear a minha vida, pois entendo que não há experiência que não possa se tornar em aprendizagem, encontro pontos negativos em todas as instituições, e em mim confesso que não houve experiência nesta biografia que não me fizesse crescer.

O contador de histórias convida o professor a quebrar sua resistência, buscar o lugar onde o bem do novo, vence o mal cristalizado, para que, no que depender de Contadores de histórias e professores, as crianças possam ser felizes enquanto crianças.

ANEXOS

ANEXOS I SALVADOR ANTIGO MEMÓRIAS DE D.DELZA.

Rua Chile por volta dos anos “30”. Fotografia tirada no Palácio Rio Branco, feita para um cartão postal de editor não identificado. Minha mãe saiu ainda pequena de Salvador, e quando retornou Salvador era uma cidade ainda maior, e mais desenvolvida, ela foi morar e trabalhar no Corredor da Vitória, conhecido até hoje pela beleza de seus casarões, suas belas árvores que hoje se curvam dando ao Corredor da Vitória certa singularidade.

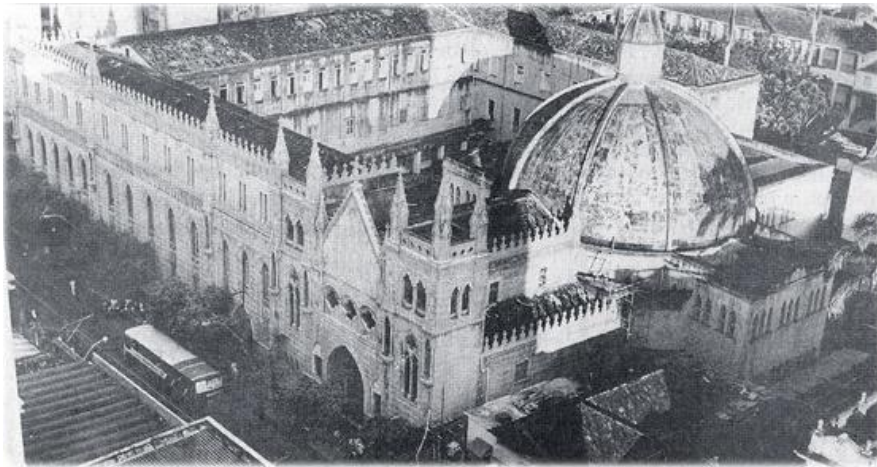
Corredor da Vitória



Fonte: https://www.flickr.com/photos/jamesbarretto/galleries/72157625220713234/?rb=1#photo_4029644811

Salvador que minha mãe viveu fotos a partir da década de trinta, Nascida em Salvador passou a tenra infância com sua avó. É recorrente na fala da minha

mãe, certo orgulho ao se referir à escola que sua avó escolheu para sua educação, o Colégio das Mercês nesta imagem por volta de 1930.



Fonte: <http://chiquitinhamaravilha.blogspot.com.br/2015/03/convento-e-colegio-das-mercez.htm>

ANEXO II

FILME: “O sol sobre a Lama”

João Palma Neto, antigo feirante da Água de Meninos, sindicalista, marinheiro de longo curso, quando vê *A grande feira* (1961), de Roberto Pires, não gosta da maneira pela qual o filme aborda a questão da gigantesca feira e decide bancar um outro filme como resposta ou réplica. Com o dinheiro de sua poupança (naquela época não há a famigerada captação de recursos), alia-se a Walter Fernandes e Álvaro Queiroz para a produção de *Sol sobre a lama*. Com eles, funda a *Guapira Filmes* (Schindller se associa a Iglú, empresa que também faz um cinejornal, *A Bahia na Tela*, para poder realizar os filmes da *Escola Baiana de Cinema* e há o surgimento, nesta época, de outras empresas – mas assunto para outro tópico). Corre o ano de 1962 e a ideia de Palma é que a fita seja colorida, e com recursos mais sofisticados. Escreve a história, baseada em suas experiências (diz-se que o personagem Valente, interpretado por Geraldo D’El Rey é ele próprio), e confia o roteiro ao carioca Alinor Azevedo (que tem a assinatura nos roteiros de alguns excelentes filmes como *Assalto ao trem pagador*, e *Cidade ameaçada*, ambos de Roberto Farias, *Um ramo para Luísa*, de J.B.Tanko, entre outros.) Alinor faz os *creenplayde* *Sol sobre a lama* com outro talentoso roteirista, Miguel Torres, que o cinema brasileiro perde, pois morre num desastre automobilístico.

Ambicioso, pretensioso, João Palma Neto quer fazer o filme definitivo sobre a Feira de Água de Meninos (que, como numa premonição, é incendiada, um verdadeiro inferno na baixada, em 1964, e seus feirantes se mudam para a Feira de São Joaquim, acanhada, a princípio, embora hoje imensa.). Não vê, Palma Neto, nenhum diretor em Salvador capaz de desenvolver as imagens em movimento pré-visualizadas no roteiro de Alinor e Miguel.

Também, neste ano, Roberto Pires está a lançar *Tocaia no asfalto*, e Glauber Rocha está já no Rio, a lançar o Cinema Novo e a preparar a produção de *Deus e o diabo na terra do sol*. Palma chama o conceituado crítico carioca, e também cineasta (*Rua sem sol*, *Agulha no palheiro*) mediano, Alex Viany, que é, nos anos 40, correspondente da revista *O Cruzeiro* em Hollywood. De volta ao Brasil, adere de corpo e alma ao cinema nacional, a fazer filmes e a escrever nas páginas dos jornais.



Fonte: Foto de André

Um crítico, inclusive, chega a taxá-lo de “inimigo número 1 do cinema *made in Hollywood*”, apesar de, nesta meca, ter permanecido por muito tempo a gozar de suas delícias. A maior obra de Alex Vianny é, sem dúvida, a sua extenuante pesquisa que se transforma, em 1959, no livro *Introdução ao Cinema Brasileiro*, editado pelo Instituto Nacional do Livro (várias vezes reeditada, uma delas pela Alhambra). Mas como cineasta, apesar de *Rua sem sol* e *Agulha no palheiro* estejam sob a influência do neorealismo italiano, possuindo um certo pioneirismo na abordagem da problemática social brasileira, é fraco, não sustenta bem uma narrativa. O fiasco total, e canto de cisne desesperado, está, muitos anos depois, em *A noiva da cidade*, cujo roteiro original é de autoria de Humberto Mauro.

O filme, no entanto, um anti-musical, é indefensável. Palma vê *Rua sem sol* e *Agulha no palheiro* e acha que Alex Viany é o realizador ideal para o desenvolvimento imagético de *Sol sobre a lama*. Quando chega a Salvador, Viany, homem genioso, está fascinado pelo cinema japonês, e tenta, no comando direcional, dar um tom nipônico do ponto de vista cinematográfico à baianidade que se requer de *Sol sobre a lama*. Realizado em 1963, mas somente lançado (em noite de festa) em novembro de 1964 no cine Guarany, o resultado final, contudo, não agrada Palma. A briga com Viany acaba na Justiça. Assim, há duas versões de *Sol sobre a lama*. A versão do diretor e a versão do produtor.

O argumento gira em torno da tentativa feita por burgueses gananciosos para acabar com a Feira de Água de Meninos. A complicar a situação, e, com isso, apressar o fim da feira, uma draga fecha o seu ancoradouro, a impedir qualquer abastecimento. Os feirantes, desesperados, lutam pela abertura do ancoradouro para fazer voltar o abastecimento. Dois líderes se apresentam para solucionar o problema. Um açougueiro (Roberto Ferreira/Zé Coió, em grande interpretação) propõe a ação violenta (uma espécie de Chico Diabo de *A grande feira*) dos feirantes para que invadam, na raça, o ancoradouro, reabrindo-o. Outro líder, no entanto, Valente (Geraldo D'El Rey, Rony, o marinheiro sueco de *A grande feira*, e o Manoel de *Deus e o diabo na terra do sol*), que vende material de construção, é a favor de acertos conciliatórios com poderosos políticos e a uma campanha na imprensa local em favor da volta à normalidade. Uma ação, portanto, junto aos poderes constituídos para a resolução do conflito.

Jean-Claude Bernardet, em seu clássico estudo sociológico sobre cinema brasileiro intitulado *Brasil em tempo de cinema* ensaio que procura entender a sociedade através de alguns filmes nacionais representativos, dá importância na sua análise a *Sol sobre a lama* e escreve: “Em vez de malhado superficialmente, o filme deveria ter sido discutido mais abertamente, pois condensa toda uma tática errada, premissas sociológicas falsas e idealistas que caracterizam um longo período da vida da sociedade brasileira. *Sol sobre a lama* pode ser considerado como um dos mais significativos testemunhos de toda uma política que fracassou.”

A fotografia é de Ruy Santos (que dois anos depois viria filmar, em Buraquinho, praia perto de Itapoã, *Onde a terra começa*, baseado em conto de Máximo Gorki, com Irmã Alvarez). No cast, Othon Bastos, Geraldo D'El Rey, Roberto Ferreira, Dilma Cunha, Milton Gaúcho, Gessy Gesse, Maria Lígia, AlairLiguori,

Carlos Lima, Garibaldi Matos, Doris Monteiro (a cantora que trabalha com Viany em Agulha no palheiro e, na certa, chamada por ele), Jurema Penna, Carlos Petrovich, Antônio Pitanga, Tereza Racquel, Glauce Rocha, Lídio Silva. Com música de Pixinguinha e Vinicius de Moraes. O teatrólogo João Augusto funciona como diretor da segunda unidade.

FICHA TÉCNICA

Longa-metragem, Sonoro, Ficção

Material original: 35mm, cor, 90', 3.180m. 24q, Eastmancolor

Origem: Salvador (BA)

Estreia: 24/10/1963, Salvador (Cine Guarany)

Direção: Alex Viany

Assistente de direção: João Augusto, Adilso

Companhia(s) produtora(s): Guapira Filmes Ltda.

Produção: Álvaro Queiroz, João Palma Neto

Direção de produção: Carlos Lima, Célio Gonçalves

Pré-produção: Oswaldo Everton, Edivaldo Pinto

Argumento: João Palma Neto

Roteiro: Alex Viany, Miguel Torres

Direção de fotografia : Ruy Santos

Assistente de câmera: José Airton

Chefe de elétrica : Luís Carlos Campos

Fotografia de cena: Álvaro Queiroz, Pedro de Moraes, Criderval Orleans

Cenografia : Moura Monteiro

Carpinteiro(s): Lídio Silva

Equipe técnica: Messias Gomes, Waldomiro Lima, José João, Antonio Leal, Rosalvo de Jesus, Roberto Bernardes, Cirolando Breno

Desenhos: Jorge Bastos

Consultoria de montagem: Oswaldo Kemeny

Música: Pixinguinha, Vinicius de Moraes

Mixagem: Ernest Hach, Paul Manni, Antento Vitale

Elenco: Glauce Rocha (Pureza) Geraldo Del Rey (Valente) Gessy Gesse (Jurami), Antonio Sampaio (Bom Rojão) Roberto Ferreira (Vadu), Milton Gaúcho (João Costeleta) Othon Bastos (Moreno), Lídio Silva (Mestre Manuel) Maria Lígia (Maria

Rita), Dilma Cunha (Terezinha) Carlos Petrovich (Babau), Garibaldi Matos (Ioiô), José Costa Junior, Antônio Miranda, Wilson Melo, Ernesto Alves, Antônio Pinto.

Participação Especial: Jurema Penna, Tereza Raquel, Almir Mesquita, Artur de Mesquita, Reinaldo Nascimento, Domingos Paiol, Armando Sá, Eduardo Torres, Augusto Colono, Carlos Lacerda, Alair Leguori, Adilson Lima, Emílio Lisboa Filho, Carminha Mendonça, Maria Orquídea Costa, Ramiro Mascarenhas, Everaldo Moraes, Louis Nohl, Everaldo Santana, (Meu Pai) Newton Spínola, José Walter, Marco Antônio, Walter Beduíno, José Brito, Roberto Dias, Maria Ferreira, João Gama, Macena Marcos.

Fonte: <http://cadernodecinema.com.br/blog/sol-sobre-a-lama>

ANEXO III BIOGRAFIA DE MARTINHO DA VILA

Desocultando o preconceito, com a biografia de Martinho José Ferreira, mais conhecido por Martinho da Vila, nasceu em Duas Barras, 12 de fevereiro de 1938, é um cantor, compositor, escritor e músico brasileiro. Filho de lavradores da Fazenda do Cedro Grande, mudou-se para o Rio de Janeiro com apenas quatro anos. Quando se tornou conhecido, voltou a Duas Barras para ser homenageado pela prefeitura em uma festa, e descobriu que a fazenda onde havia nascido estava à venda. Não hesitou em comprá-la e hoje é o lugar que chama de "meu off-Rio". Cidadão carioca criado na Serra dos Pretos-Forros, a primeira profissão foi como auxiliar de químico industrial, função aprendida no curso intensivo do SENAI. Mais tarde, serviu o Exército Brasileiro como sargento burocrata. Nesta instituição ele começou na Escola de Instrução Especializada, tornando-se escrevente e contador, profissões que abandonou em 1970, quando deu baixa para se tornar cantor profissional.



A carreira artística surgiu para o grande público no III Festival da Record, em 1967, quando concorreu com a música "Menina Moça". O sucesso veio no ano seguinte, na quarta edição do mesmo festival, lançando a canção "Casa de Bamba", um dos clássicos de Martinho. O primeiro álbum, lançado em 1969, intitulado Martinho da Vila, já demonstrava a extensão de seu talento como compositor e músico, incluindo, além de "Casa de Bamba", obras-primas como "O Pequeno Burguês", "Quem é Do Mar Não Enjoa" e "Prá Que Dinheiro" entre outras menos populares como "Brasil Mulato", "Amor Pra que Nasceu" e "Tom Maior". Logo

tornou-se um dos mais respeitados artistas brasileiros além de um dos maiores vendedores de discos no Brasil, sendo o segundo sambista a ultrapassar a marca de um milhão de cópias com o CD Tá Delícia, Tá Gostoso lançado em 1995 (o primeiro foi Agepê, que em 1984 vendeu um milhão e meio de cópias com seu disco Mistura Brasileira). Destacam-se Zeca Pagodinho, Simone (CD Café com leite, um tributo a Martinho da Vila, 1996) e Alcione como os maiores intérpretes.

A celebração do 75º aniversário do cantor, bem como 45 anos de carreira, levou Martinho a receber o segundo volume da série Samba book em 2013, depois de João Nogueira receber o original no ano anterior.

Sua história de prêmios está no acervo na cidade natal, Duas Barras. Entre seus títulos, estão os de Cidadão Carioca, Cidadão benemérito do estado do Rio de Janeiro, Comendador da República em grau de oficial e a Ordem do Mérito Cultural, pela contribuição à cultura brasileira. Na coleção de medalhas, guarda a Tiradentes, além da famosa Pedro Ernesto, e na carreira musical ganhou em 1991 o Prêmio Shell de Música Popular Brasileira. Em 2014, seu álbum Enredo foi indicado ao Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba/Pagode.

Escola de samba

A dedicação à escola de samba do coração, Unidos de Vila Isabel, iniciou em 1965. Antes, participava da extinta Aprendizizes da Boca do Mato. A história da Unidos de Vila Isabel se confunde com a de Martinho. Desde essa época, assina vários sambas-enredo da escola. Também envolvido nos enredos da escola, criou o samba Kizomba: A Festa da Raça, e garantiu para a GRES Unidos de Vila Isabel o título do Grupo Especial do ano de 1988. Após uma ausência de 17 anos, desde a composição "Gbala" em 1993, em 2010, Martinho ganhou o concurso de sambas-enredo mais uma vez, cedendo à escola um enredo sobre Noel Rosa, outro compositor de Vila Isabel que celebraria seu centenário naquele ano. Martinho declarou que seria seu último samba-enredo. [5] Em 2013, quando Martinho completou 75 anos, seu filho Tunico da Vila levou Vila Isabel ao título com o enredo "A Vila Canta o Brasil, Celeiro do Mundo. Água no Feijão, que Chegou Mais Um".

Martinho já foi homenageado pelo então bloco carnavalesco, hoje escola de samba GRES Mocidade Independente de Inhaúma no ano de 1983 com o enredo Da Boca do Mato a Vila Isabel, que levantou o público da avenida. O desfile contou com a participação de Élcio PV, da Beija Flor. Embora internacionalmente conhecido

como sambista, com várias composições gravadas no exterior, Martinho da Vila é um legítimo representante da MPB e compositor eclético, tendo trabalhado com aspectos da cultura brasileira e criado músicas dos mais variados ritmos brasileiros, tais como ciranda, frevo, samba de roda, capoeira, bossa nova, calango, sambanredo, toada e sambas africanos. O espírito de pesquisador incansável, viaja desde o disco O Canto das Lavadeiras, baseado na cultura brasileira, lançado em 1989, até o mais recente trabalho Lusofonia, lançado no início de 2000, reunindo canções de todos os países de língua portuguesa. Em setembro de 2000 concretizou, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um dos projetos mais cultuados: a apresentação do Concerto Negro. Idealizado por Martinho e pelo maestro Leonardo Bruno, o espetáculo enfoca a participação da cultura negra na música erudita. Para cuidar das diversas atividades, criou o Grupo Empresarial ZFM abrindo as portas para sambistas com um selo musical e inaugurando sua própria editora.

Martinho tem oito filhos incluindo Mar'tnália, Tunico da vila e sete netos, mas só se casou pela primeira vez em 1993. Sua esposa é Clediomar Corrêa Liscano, 33 anos mais jovem, e mãe de seus dois filhos mais novos, a quem Martinho conheceu na gravação de um videoclipe.

No Shopping Iguatemi, Martinho inaugurou um botequim, chamado Botequim do Martinho, onde se ouvia música brasileira, acompanhada de chope e petiscos, que ficou aberto durante nove anos.

Martinho da Vila torce para o Vasco da Gama, e compôs duas músicas em homenagem ao clube do coração. É, desde 2005, filiado ao Partido Comunista do Brasil. Em 2009, foi lançado o documentário "O Pequeno Burguês - Filosofia de Vida", que conta um pouco da vida artística e particular do artista. No fim de 2012 fez participação na série de TV "Meu Anjo", produzida pela produtora Tele milênio, como ele mesmo.

DISCOGRAFIA

1969 - Martinho da Vila - (RCA Victor)

1970 - Meu Laiá-raiá - (RCA Victor)

1971 - Memórias de um Sargento de Milícias - (RCA Victor)

1972 - Batuque na Cozinha - (RCA Victor)

1973 - Origens (Pelo telefone) - (RCA Victor)

- 1974 - CantaCanta, Minha Gente - (RCA Victor)
- 1975 - Maravilha de Cenário - (RCA Victor)
- 1976 - Rosa do Povo - (RCA Victor)
- 1976 - La Voglia La Pazzia/L' Incoxienza/L' Allegria - (RCA Victor)
- 1977 - Presente - (RCA Victor)
- 1978 - Tendinha - (RCA Victor)
- 1979 - Terreiro, Sala e Salão - (RCA Victor)
- 1980 – Portuñol Latino americano - (RCA Victor)
- 1980 - Samba Enredo - (RCA Victor)
- 1981 - Sentimentos - (RCA Victor)
- 1982 - Verso e Reverso - (RCA Victor)
- 1983 - Novas Palavras - (RCA Victor)
- 1984 - Martinho da Vila Isabel - (RCA Victor)
- 1984 - Partido Alto Nota 10 - (CID)
- 1985 - Criações e Recriações - (RCA Victor)
- 1986 - Batuqueiro - (RCA Victor)
- 1987 - Coração Malandro - (RCA Victor/Ariola)
- 1988 - Festa da Raça - (CBS)
- 1989 - O Canto das Lavadeiras - (CBS)
- 1990 - Martinho da Vida - (CBS)
- 1991 - Vai Meu Samba, Vai - (Columbia/Sony Music)
- 1992 - No Templo da Criação - (Columbia/Sony Music)
- 1992 - Martinho da Vila - (Columbia/Sony Music)
- 1993 - Escola de Samba Enredo Vila Isabel - (Columbia/Sony Music)
- 1994 - Ao Rio de Janeiro (Columbia/Sony Music)
- 1995 - Tá Delícia, tá Gostoso - (Sony Music)
- 1997 - Coisas de Deus - (Sony Music)
- 1997 - Butiquim do Martinho - (Sony Music) 758.325/2-479455
- 1999 - 3.0 Turbinado ao Vivo - (Sony Music)
- 1999 - O Pai da Alegria - (Sony Music)
- 2000 - Lusofonia - (Sony Music)
- 2001 - Martinho da Vila, da Roça e da Cidade - (Sony Music)
- 2002 - Martinho Definitivo - (Sony Music)
- 2002 - Voz e Coração - (Sony Music)

- 2003 - Martinho da Vila - Conexões - (MZA)
- 2004 - Conexões Ao Vivo - (MZA/Universal Music Group)
- 2005 - Brasilatinidade - (MZA/EMI)
- 2006 - Brasilatinidade Ao Vivo - (MZA/EMI)
- 2006 - Martinho José Ferreira - Ao Vivo na Suíça - (MZA/Universal Music) (registro de shows do cantor no Montreux Jazz Festival, na Suíça, nas edições de 1988, 2000 e 2006)
- 2007 - Martinho da Vila do Brasil e do Mundo (MZA / Universal Music)
- 2008 - O Pequeno Burguês - ao vivo (MZA Music)
- 2010 - Poeta Da Cidade - Canta Noel
- 2011 - 4.5 Atual - (EMI Music)
- 2013 - Samba Book - Martinho da Vila (Musickeria - show com versões por outros artistas, disponível em CD, DVD, e Blue-Ray, acompanhado de biografia e um fichário com 60 partituras) [3]
- 2016 - De Bem com a Vida - (Sony Music)

Martinho já escreveu doze livros:

- "Vamos Brincar de política?" (Editora Global, 1986) - Infanto-juvenil
- "Kizombas, andanças e festanças" (Léo Christiano Editorial, 1992 / Editora Record, 1998) – Auto Biográfico
- "Joana e Joanes, um romance fluminense" (ZFM Editora, 1999) - Romance (Reeditado no mesmo ano em Portugal, pela Eurobrap, sob o título "Romance fluminense")
- "Ópera Negra" - (Editora Global, 2001) – Ficção
- "Memórias póstumas de Teresa de Jesus" (Editora Ciência Moderna, 2002) Romance;
- "Os Lusófonos" (Editora Ciência Moderna, 2006) – Romance;
- "Vermelho 17" (ZFM Editora, 2007) – Romance;
- "A Rosa Vermelha e o Cravo Branco" (Lazuli Editora, 2008) – Infantil;
- "A serra do rola-moça" (ZFM Editora, 2009) - Romance;
- "A rainha da bateria" (Lazuli Editora, 2009) – Infantil.
- "Fantasias, Crenças e Crendices" (Ciência Moderna Editora, 2011) - Literatura Musical
- "O Nascimento do Samba" (ZFM, 2013) - Literatura Musical

Fonte de pesquisa:

Martinho da Vila. Dicionário Cravo Albin. Consultado em 27 de julho de 2016 Biografia: Samba Book - Martinho da Vila Nominados - 15a Entrega Anual del Latin Grammy». Latin Grammy Awardsofficialwebsite (em espanhol). Consultado em 11 de outubro de 2014 Martinho da Vila diz que samba-enredo sobre Noel é o último da carreira Aos 75 anos, Martinho vê Vila Isabel se sagrar campeã, Martinho da Vila com seu clã na Ilha de CARAS Martinho da Vila: Vasco é religião.

«Carta de Martinho da Vila fala sobre sua filiação ao PCdoB» Literatura lançando livro no Salão do Livro em Paris - maio de 2012.

ANEXO IV O MACACO E A VELHA

Era uma vez uma velha, chamada Firinfelha que tinha um lindo bananal no fundo do seu quintal. Mas a coitada da velha poucas bananas comia pois o macaco Simão roubava todas que conseguia.

“Macaco Simão, macaco ladrão. Macaco Simão sem educação” (cantado)
Cansada de tanto ser roubada a velha Firinfelha teve uma ideia danada: comprou alguns quilos de alcatrão e fez um bonequinho bem pretinho igual carvão. Depois de pronto a velha levou o boneco para o quintal e colocou ele sentado no meio do bananal, colheu as bananas mais maduras e apetitosas, pôs em um saco de algodão e colocou no colo do boneco de alcatrão. E lá ficou o boneco, tinha até cartola, e uma porção de bananas na sacola.

“Boneco valente, parece ser gente. Macaco Simão vai ter sua lição”

Quando chegou o macaco Simão e viu as bananas no colo do boneco de alcatrão, torceu o rabo, fez uma careta bem feia e cantou desafinado:

“Que moleque sem vergonha, que menino mais ladrão, roubando minhas bananas sem me dar satisfação. Bililim, bililim, balalão, balalão, ninguém deve roubar o macaco Simão. Bililim, bililim, balalão, balalão, ninguém deve roubar o macaco Simão.”

E o macaco Simão, ficou muito bravo que nem um cravo e foi falando pro boneco de alcatrão:

-Solta já minhas bananas seu moleque sabichão.

E o boneco ficou lá sentado, quieto, com a sua cartola e as bananas na sacola.

Mais bravo ainda falou o macaco Simão:

-Ora seu mal educado, não vai nem me responder? Pois se você não falar nada vou aí dar-te uma bofetada! Daí eu quero ver!

O macaco gritava e o bonequinho nada. Simão já soltava fumaça pelas ventas, e quando Simão fica bravo ninguém aguenta. Pois o macaco foi lá e deu-lhe um bofetão no moleque sem educação. E a mão do macaco Simão ficou presa no boneco de alcatrão.

-Seu menino atrevido que cheira a chulé! Solte minha mão ou lá vai pontapé. E como o boneco não soltava a mão do macaco Simão e ele já tinha avisado...

Deu-lhe um chute bem dado. E o pé do macaco também ficou grudado.

-Ora seu moleque malvado é assim que você quer, vai segurar também o meu pé. Pois saiba que eu tenho outro pé e outra mão, vai chover safanão, e se prepara que também tem cabeçada.

E lá foi o macaco Simão atacando com todas as suas armas, mas quanto mais ele atacava mais se grudava e pior ficava. No final da luta já nem havia boneco, só o macaco Simão todo grudado no chão em um bolo de alcatrão.

-Socorro! Acudam! -gritava o pobre macaco desesperado.

E veio rindo a velha Firinfelha.

-A seu macaco malvado. Assim você aprende sua lição. Viu como é ruim ficar roubando as minhas bananas. Agora vai ficar preso no meu boneco de alcatrão.

-Me solta velha Firinfelha, eu faço o que você quiser! – implorava o macaco. -Só solto se você prometer nunca mais vir ao meu quintal roubar as bananas do meu bananal.

O macaco prometeu pra velha nunca mais roubar uma banana dela e a Firinfelha também cumpriu sua promessa. Soltou o macaco que estava todo grudado.

Simão, no meio da mata, chorava como uma criança enquanto planejava sua vingança. Pegou emprestada uma pele de leão que ao sol estava secando e foi visitar a velha conforme o plano que estava bolando:

“A velha Firinfelha vai ter a sua lição e saber que um macaco irritado é pior do que um leão.”

E o macaco Simão pulou o muro do quintal e foi se esconder no meio do bananal. Quando apareceu a velha ele deu o susto final.

“-Socorro vizinhos! Senão não escapo!

-Sossegue velhinha. Você está no papo!”

A velha Firinfelha tomou um susto tremendo, fugiu correndo, queria correr pra casa, mas naquele alvoroço acabou errando o caminho e caiu no fundo do poço.

“-Socorro vizinho! Socorro seu moço! Se não eu me afogo no fundo do poço!”
Vendo aquilo o macaco ficou até sem fala, queria assustar a velha, mas não queria

matá-la. Saiu da pele correndo e foi ajudar a velha, procurava uma corda ou cipó pra puxar a Firinfelha. Não encontrava nada e a velha ainda gritando, o tempo estava acabando, ela estava se afogando.

Então o macaco Simão teve uma grande ideia, agarrou na beira do poço e jogou o seu rabo pra velha.

“-Socorro, meu Deus! Se não me afogo!

-Então minha velha segura no rabo.”

Os vizinhos foram chegando no meio do bananal e viram estupefatos essa cena original: o macaco na beira do poço fazendo uma força danada e no rabo do macaco Firinfelha vinha pendurada.

Mas depois desse dia as coisas muito mudaram pois Firinfelha e o macaco bons amigos viraram. E até hoje em dia sentam juntos no quintal pra colher e dividir entre si as bananas do bananal. De noite fazem fogueira e a velha pega a viola e o macaco canta enquanto Firinfelha toca:

“Minha velha me enganou com um boneco de alcatrão e eu enganei a velha com uma pele de leão. Minha velha me enganou com um boneco de alcatrão e eu enganei a velha com uma pele de leão. Bililim, bililim, balalão, balalão, ninguém deve enganar o macaco Simão. Bililim, bililim, balalão, balalão, ninguém deve enganar o macaco Simão.”

ANEXO V COMO DIZIA MINHA AVÓ

“Como dizia a minha avó” Parlendas, ditos populares e cantigas ensinadas por minha mãe e aprendidas muitas delas pelo convívio com a minha bisavó D. Ernestina.

“Cachorro que muito late não morde!”,

“Panelas que muitos mexem a comida acaba desandada”,

“Briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”

“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”

“Desgraça pouca é bobagem!”

“Homem com mulher, nem elefante com formiga”

“- Preguiça quer mingau?

- Quero!

- Vai pegar o prato.

- Quero mais não!” “Hoje é domingo Pé de cachimbo é de ouro

Que dá no besouro

Besouro é valente

Que dá no tenente

Tenente é de pedra

Que bate com o pé no chão”

“Pinta lainha, de cana vintinha,

... No tempo de areia, fazia poeira, pega essa lagarta pela ponta da orelha.”

“Passa, passa gavião

Quero ver quem passa

Passa, passa gavião

Quero ver passar

As lavadeiras fazem assim, assim, assim”

“O cravo brigou com a rosa

Debaixo de uma sacada

O cravo ficou ferido

A rosa despedaçada
 O cravo ficou doente
 A Rosa foi visitar
 O cravo seu um desmaio
 Rosa pôs-se a chorar”

“Escravos de Jó, jogavam Caxangá
 Tira, bota, deixa ficar
 Guerreiros, com guerreiros
 Fazem Zigue, Zigue, Zá”

“(Pobre) Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré.
 Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, de si

(Rica)Eu sou rica, rica, rica, de marré, marré, marré
 Eu sou rica, rica, rica, de marré, marré, marré

(Pobre)Dá-me uma de vossas filhas de marré, marré, marré
 Dá-me uma de vossas filhas de marré, de si

“(Pobre) Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré.
 Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, de si

(Rica) Eu escolho Coracy, de marré, marré, marré
 Eu escolho Coracy, de marré de si

(Pobre) Que ofício darás a ela? de marré, marré, marré
 Que ofício darás a ela? De marré

(Rica) Dou ofício de Professora de marré, marré, marré
 Dou ofício de Professora de marré, de si

(Pobre) Ela aceitou de marré, marré, marré
Ela aceitou de marré, de si

“Ciranda, cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta,
volta e meia vamos dar

“Eu morava na areia, sereia
Me mudei para o sertão, sereia
Aprendi a namorar, sereia
Com aperto de mão, oh sereia
Minha mãe não quer que eu coma, sereia
Escaldado de Peru, sereia
Minha mãe não quer que eu case, sereia
Com rapaz de Aracaju, oh sereiáaaa”

“Cirandinha, vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar
O anel que tu me destes

Era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou”

“Sai, sai, sai oh piaba,
Saia da lagoa (bis)
Bota mão na cabeça
Outra na cintura
Dá remelexo no corpo
Dá um abraço no outro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem, **Aprendiz de mim**; Um bairro que virou escola/Rubem Alves – Campinas, SP. Papyrus, 2004

CLANDININ, D. Jean. Pesquisa Narrativa: **experiências e histórias na pesquisa qualitativa** tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. -2ª edição ver. – Uberlândia: EDUFU, 2011.

TINOCO, Rui. **Investigador Agência Piaget para o Desenvolvimento**. APADES – Portugal, 1993. Disponível em: www.psicologia.com.pt ruitinoco28@gmail.com)



Dona Delza e eu

Fonte: Arquivo Familiar